

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS NA REGIÃO DA
BAIXADA SANTISTA**

SALETE DUBRA PAES

SANTOS
2012

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DE LÍNGUA
INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS NA REGIÃO DA
BAIXADA SANTISTA**

SALETE DUBRA PAES

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Irene Jeanete Lemos Gilberto.

SANTOS
2012

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
SibiU

P126p Paes, Salete Dubra

Práticas pedagógicas do professor de língua inglesa nas escolas públicas na região da Baixada Santista / Salete Dubra Paes; orientadora Irene Jeanete Lemos Gilberto- Santos: [s.n], 2012.

105 f.; (Dissertação de Mestrado) – Universidade Católica de Santos, Programa de Mestrado em Educação.

1. Ensino de língua inglesa. 2. Prática docente 3.Globalização

I. Salete Dubra Paes. II. Título

CDU 37(043.3)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Irene Jeanete Lemos Gilberto
(Orientadora)

Profª Drª Marília Claret Geraes Durant
(UMESP-SP)

Profª Drª Maria de Fátima Barbosa Abdalla
(UNISANTOS-SP)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, ____/____/____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho à minha mãe Antonia Dubre por sua força, sempre presente ao meu lado em minha jornada profissional, nos meus estudos e na minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por tudo o que ela representa em minha vida.

À professora orientadora, Prof^a. Dra. Irene Jeanete Lemos Gilberto, por dedicação e atenção.

À minha primeira orientadora, Prof^a Dr^a Francisca Eleodora Severino, por seus preciosos ensinamentos e por ter me recebido em minha fase inicial no Mestrado em educação.

Ao meu namorado Odair Cavichioli, pelo companheirismo e suporte, principalmente na área da informática.

Às minhas amigas mestrandas Denise Afonso e Célia Gomes, sempre presentes nas trocas de idéias e participações em eventos e congressos.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, Leide P. Monteiro, Clay Vaz de Lima Neto, Fernanda Casqueiro, Luciana Franco e Juliana Janaina Tavares Nóbrega.

À Prof^a. Dra. Maria de Fátima Barbosa Abdalla e à Prof^a. Dra. Maria Amélia do R. Santoro Franco, pelas leituras e aulas que tanto me enriqueceram.

À Prof^a. Dr^a Marília Claret Geraes Durant pelos esclarecimentos e contribuição no Exame de Qualificação

À minha irmã Sarita Dubra Paes Rodrigues, nas trocas de conhecimentos.

A todos os professores do programa, cujos conhecimentos foram preponderantes para a minha formação.

Ao empresário Dr Bayard Umbuzeiro Filho, em especial, posto que sem sua ajuda, não teria sido possível cursar o Mestrado em Educação.

A Deus, por ter me guiado e por sempre estar presente em minha vida.

“O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” Paulo Freire

PAES, Salete Dubra. **Práticas Pedagógicas do professor de língua inglesa nas escolas públicas na região da Baixada Santista**. Santos, 2012. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, SP, 105 p.

RESUMO

Na Baixada Santista, universo desta pesquisa, a demanda por profissionais qualificados tem-se intensificado, em virtude da descoberta do Pré-Sal, do aumento dos cruzeiros marítimos, e das demandas do porto e das empresas multinacionais que aqui se instalaram. Isso envolve o conhecimento da língua inglesa, que se torna fundamental para o profissional que atua nessa área. A pesquisa buscou conhecer a prática docente dos professores de língua inglesa que atuam no Ensino Médio nas escolas públicas da região da Baixada Santista. O trabalho tomou, como fundamento teórico, os estudos de Sacristán (2002), Tardif (2008) e Freire (1997), entre outros, para a discussão sobre as práticas e os saberes docentes, assim como nos fundamentos de Ortiz (2006) e Tedesco (2006) sobre a globalização. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou como procedimentos de coleta de dados, a aplicação de questionários para vinte e um professores de língua inglesa, que atuam em escolas públicas, além de entrevistas, para aprofundamento dos dados obtidos. Os questionários incluíram questões fechadas e abertas que versaram sobre dados pessoais, atuação profissional dos participantes, com vistas a elaborar o perfil dos professores, além de questões voltadas para as dificuldades dos professores nas práticas da língua inglesa, com objetivo de compreender como realizam a própria prática pedagógica. Os resultados mostraram problemas, entre eles: classes lotadas, falta de recursos, e desinteresse dos alunos, embora o professor procure motivar os estudantes por meio de atividades lúdicas que incentivem o potencial do educando para que este aprofunde seus conhecimentos na língua estrangeira em questão. Outros aspectos da pesquisa mostram as condições precárias das escolas, além da dificuldade dos professores no ensino da língua.

Palavras-chave: ensino de língua inglesa; prática docente; globalização

ABSTRACT

In Baixada Santista, focus of this research, the demand for professionals has intensified due to the discovery of the pre-salt, the increase in cruise ships, the demands of the port and multinational companies which have settled here. This calls for English knowledge, which is fundamental for professionals who work in this area. The research sought to learn the practice of teaching English language of teachers who work in High Schools in Public Schools in Baixada Santista. The research used as a theoretical basis, studies of Sacristan (2002), Tardif (2008) and Freire (1997), among others, for discussion of the teacher's knowledge and practices, as well as the fundamentals of Ortiz(2006) and Tedesco (2006) about globalization. The qualitative – approach research used as data gathering instruments questionnaires on twenty-one English language teachers in Public Schools as well as interviews to further the data obtained. The questionnaires included closed and open questions that focused on personal, professional performance of the participants, in order to prepare the profile of teachers, as well as issues facing the difficulties of teachers in the practices of the English language, in order to understand how they perform their own pedagogical practice. The results showed problems, including: crowded classes, lack of resources and lack of interest of students while the teacher tries to motivate them through playful activities that encourage the student's potential to deepen their knowledge in foreign language. Other aspects of the research show the precarious conditions of schools, besides the difficulty of teachers in language teaching.

Keywords: English language teaching; teaching practice; globalization

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – SEXO DOS PARTICIPANTES.....	53
TABELA 2 – FAIXA ETÁRIA.....	53
TABELA 3 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	54
TABELA 4 – FORMAÇÃO DE SUJEITOS.....	54
TABELA 5 – CURSOS LIVRES DE LÍNGUA INGLESA.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - A LÍNGUA INGLESA NA SOCIEDADE GLOBALIZADA.	23
1.1. Discutindo a questão: mundialização/globalização.....	23
1.2. A língua inglesa na globalização.....	25
1.3. O ensino da língua inglesa no Brasil : aspectos da legislação	31
CAPÍTULO 2 – PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE INGLÊS DO ENSINO MÉDIO SOBRE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	36
2.1. Diretrizes curriculares para Ensino de língua inglesa.....	36
2.2. Perfil e competência do professor de língua inglesa.....	38
2.3. Os saberes e práticas do professor de língua inglesa.....	41
CAPÍTULO 3 – A PESQUISA COM OS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO NA BAIXADA SANTISTA E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	47
3.1. Pesquisa de Campo: Descrição do processo.....	49
3.1.1. As entrevistas.....	58
3.2. Resultados da pesquisa.....	61
3.2.1. Ser professor de inglês em tempos de globalização.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS.....	87

INTRODUÇÃO

Formada em Jornalismo e pós-graduada em psicopedagogia, desde 1997 tenho atuado como professora de inglês em cursos livres para trabalhadores, também lecionei em um curso de Inglês Básico para deficientes visuais, com duração de um ano. Nos cursos livres de língua inglesa tenho vivenciado os problemas e as dificuldades que os alunos afastados do ambiente escolar enfrentam para atualizar seus conhecimentos, tendo em vista outras oportunidades de trabalho.

A língua inglesa está presente em todos os momentos de nosso cotidiano, e seu conhecimento amplia as possibilidades de comunicação nos negócios, nos estudos ou no lazer.

Extremamente valorizado em nossos dias, o conhecimento da língua inglesa proporciona maiores oportunidades de trabalho para o jovem em seu futuro profissional, abrangendo trabalhadores no porto nas empresas, por meio da expressão escrita (troca de e-mails) ou oral (ligações telefônicas ou comunicação entre as pessoas).

Como professora de inglês em uma Cooperativa para tripulantes de navio, encontrei alunos com baixo nível de escolaridade, mas que possuíam boa desenvoltura na fala, pois treinavam o inglês a bordo.

No momento, leciono inglês para trabalhadores em empresa de Terminal Alfandegado, em uma escola de idiomas e em uma Fundação que oferece o curso de inglês para qualificação profissional. Tenho observado, com base na procura de alunos por cursos desse nível, que a competição no mercado de

trabalho está exigindo profissionais capacitados e com domínio de outra língua, além da materna.

No caso da cidade de Santos, onde a pesquisa foi realizada, observa-se uma demanda significativa em relação aos cursos de língua inglesa, devido às novas oportunidades que vêm sendo vislumbradas em decorrência da descoberta do petróleo, e da vinda de investidores internacionais nesse campo. Para que os trabalhadores possam inserir-se neste contexto, o conhecimento da Língua Inglesa é fundamental, por tratar-se de uma língua mundial.

Ao iniciar o Mestrado em Educação em março de 2010, propus-me a realizar uma pesquisa sobre o ensino do inglês para trabalhadores do Porto, com objetivo de investigar como ocorria a aprendizagem desses alunos, sendo a maioria composta de adultos e trabalhadores na área portuária.

A convivência com esses alunos sensibilizou-me para a compreensão de algumas peculiaridades no ensino da língua inglesa. As reflexões que venho fazendo sobre a aprendizagem dos alunos e minha prática como professora da língua, instigaram-me a conhecer melhor o perfil dos discentes. Pude observar que, em sua maioria, são trabalhadores que convivem com as práticas da língua inglesa no trabalho. Como professora, tinha como meta fazê-los acreditar em seu potencial, estimulando os valores e os ideais pessoais e profissionais, para que pudessem vencer as dificuldades de aprendizagem da língua Inglesa. Senti também a necessidade de aprofundar meus conhecimentos na relação ensino aprendizagem, com objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento da minha prática docente, com objetivo de melhor preparar os jovens estudantes para o mercado de trabalho, e também os adultos trabalhadores, que estavam afastados da sala de aula.

Essas reflexões sobre minha prática auxiliaram-me a delinear o objeto de minha pesquisa, voltada para o desejo de conhecer como ocorre a aprendizagem da língua inglesa, quando se trata de alunos adultos, que estão fora do ambiente da escola há um longo período, e que buscam completar sua formação, seja por iniciativa própria ou porque são obrigados a essa capacitação pelas empresas em que trabalham. Verifiquei que ser professor de língua inglesa nessas circunstâncias em que predominam a heterogeneidade da faixa etária, das motivações e até do nível de conhecimento, requer atenção diferenciada por parte do professor, pois o foco de estudo também é diferenciado, em se tratando de alunos com níveis sócio-culturais diferentes. Dessas reflexões, concluí que classes heterogêneas necessitam de práticas diferenciadas, tendo em vista que este aluno busca aperfeiçoamento da língua inglesa para sua área no trabalho. As observações a respeito de minhas práticas foram apresentadas no Grupo de Pesquisa, e o debate com os integrantes do grupo levou-me à necessidade de ter mais informações sobre as questões voltadas à aprendizagem.

Para aprofundar as reflexões iniciais e obter dados mais precisos sobre o perfil de meus alunos, realizei uma pesquisa exploratória, utilizando questionários como procedimento metodológico para a coleta de dados, os quais foram aplicados aos estudantes de cursos de língua inglesa, cujo interesse estava direcionado para a qualificação profissional. Os resultados obtidos com a pesquisa citada serviram de base para o aprofundamento de questões sobre as práticas da língua inglesa, investigação que realizei posteriormente, tendo como sujeitos professores do idioma que atuam na rede pública municipal e estadual da Baixada Santista.

Considerando a importância desses dados para a compreensão do meu objeto de estudo, apresento aqui uma síntese dos resultados obtidos com a pesquisa inicial realizada em novembro de 2010, com 27 alunos adultos.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou como procedimentos metodológicos para coleta de dados questionários aplicados aos sujeitos. Esta parte da pesquisa teve como apoio teórico os textos de André (2008) e Martins (2008) sobre a pesquisa qualitativa. Os resultados dessa investigação inicial foram apresentados em eventos científicos da área.

O universo do estudo foram alunos trabalhadores de um curso livre de inglês de nível universitário e de ensino médio na Baixada Santista, que visa preparar para o mercado. Nesse momento da pesquisa busquei conhecer de que maneira as práticas dialógicas podem contribuir para a aprendizagem na língua inglesa, em se tratando de estudantes trabalhadores, os quais contam com poucas horas para estudo e muitas vezes não acreditam em seu potencial.

Inicialmente foi realizado um mapeamento com alunos de inglês que deram depoimentos sobre sua aprendizagem. De acordo com os dados obtidos, em resultado parcial de pesquisa, alguns itens foram ressaltados, dentre eles: distinção de forma clara entre português e inglês; paciência e didática do professor; indicação de livros; revistas e sites para estudo. Os alunos ressaltaram a diferença entre o estudo da língua no passado e a metodologia utilizada nas atuais aulas e a melhoria no aprendizado da língua.

A pesquisa buscou conhecer como ocorre a aprendizagem da língua inglesa por alunos trabalhadores que retomaram os estudos, a fim de melhorar seu desempenho dentro da empresa ou para qualificação no mercado de trabalho. Para tal, foi realizado inicialmente um mapeamento das respostas de

alunos participantes de cursos de inglês, que responderam perguntas contidas no questionário e deram depoimentos sobre sua aprendizagem.

Com relação à metodologia, os participantes da pesquisa assinalaram a importância de aulas dinâmicas que envolvam, além da conversação, filmes e leituras. O entrosamento entre os componentes do grupo também foi mencionado pelos participantes, confirmando-se a preferência por grupos pequenos, posto que essa estratégia facilita o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que o aluno esteja em contato próximo com o professor.

Os sujeitos consideraram importante a continuidade e o aprofundamento do estudo da língua estrangeira ao longo da vida, embora tenham revelado dificuldades em conciliar essa necessidade com o tempo restrito que eles têm e que os impede muitas vezes de superar problemas relativos à assimilação das expressões, à gramática e mesmo em relação à pronúncia das palavras, visto que não utilizam o inglês em seu cotidiano. Esse aspecto foi retomado nas respostas, quando os pesquisados mostraram ser fundamental direcionar os conteúdos das aulas às especificidades de suas áreas de atuação, justificando que o cansaço físico e mental, após um dia de trabalho, impede-os de assimilar os diferentes conteúdos como desejariam.

Essas indagações são relevantes, se pensarmos nas condições de estudo desses trabalhadores, muitos dos quais assistem às aulas nos períodos de almoço ou após o término do trabalho. Os sujeitos da pesquisa consideraram em suas respostas que incentivos como, por exemplo, bolsas de estudos oferecidas pelas empresas, além de horários flexíveis, poderiam ser de grande auxílio para o trabalhador que deseja dar continuidade às atividades de formação.

Outro aspecto apontado pelos pesquisados mostrou que dos entrevistados, 50% acreditam que uma das grandes dificuldades em relação à aprendizagem é a autoestima e o fato de os professores acreditarem em seu potencial. Uma porcentagem de 22,22% dos participantes identificou que há aspectos facilitadores da aprendizagem de língua inglesa e que a autoestima favorece o processo ensino-aprendizagem; 5,56% apontaram como fator de autoestima o clima satisfatório no ambiente de trabalho.

Os dados obtidos nesta pesquisa também mostraram que o pouco tempo disponível, somado a fatores emocionais, dificulta o conhecimento da língua estrangeira e isso exige que o professor busque uma metodologia que proporcione ao aluno o prazer de estudar, incentivando-o ao aprofundamento da língua. Aberto à aprendizagem, à interação com o professor e com o grupo, o estudante poderá inteirar-se da melhor forma de utilizar no cotidiano o que foi aprendido em sala de aula.

A interação com o grupo, a concepção de aula como “encontros entre amigos”, nas quais não há medo de errar, foi um fator recorrente nas respostas e representa um dos fatores de libertação do aluno em relação às barreiras para a aprendizagem da língua inglesa, cristalizadas por ele desde o período do ensino médio. Observou-se que, quanto menor o nível de escolaridade, mais o trabalhador tende a criar barreiras psicológicas para a aprendizagem da língua inglesa, acreditando que não conseguirá desenvolver corretamente as atividades propostas. Estes alunos muitas vezes não estão habituados ao estudo e sentem-se inferiores perante os demais colegas, que possuem um nível de escolaridade maior. Cabe ao professor ajudá-los a desenvolver o seu potencial, utilizando métodos mais flexíveis, que respeitem as limitações dos alunos e que estejam

voltados diretamente à área de trabalho e que abordem temas do cotidiano dos estudantes e suas vivências, ou seja, métodos adequados para cada tipo de aluno, aqueles com menos conhecimentos e habilidades para o idioma, falta de tempo para estudo, timidez e mesmo sua faixa etária. Compete ao docente a reflexão para adequar sua sala de aula, buscar nos seus saberes a resposta.

Entendemos que a aprendizagem da língua inglesa pode ser estimulada também extraclasse, seja por meio da Internet, filmes, revistas, televisão, ambiente de trabalho ou mesmo buscando informações nos rótulos de produtos importados no supermercado. O sujeito muitas vezes adquire sua aprendizagem fora da escola, em cursos não formais, ou mesmo por meio de leitura, músicas e filmes. A língua inglesa expandiu-se no mundo todo.

O conhecimento também ocorre na troca de experiências, no interior da sala de aula e no mundo do trabalho. Está presente nos espaços não-escolares, no qual o estudante, às vezes, têm mais oportunidades de se comunicar e experimentar novas palavras ou mesmo incluir termos técnicos de sua área de trabalho.

No entanto, cabe à escola oferecer condições para que o aluno tenha acesso ao conhecimento sistematizado e àquele produzidos pelas gerações anteriores. Nesse cenário, como trazer a língua inglesa para compreensão de todos, já que o idioma faz parte do cotidiano das pessoas? Além dessa, outras questões surgiram em relação à pesquisa: por que os alunos retornavam aos cursos de língua inglesa, sendo que muitos deles já haviam terminado a Graduação? Por que os alunos não dominavam a língua inglesa, mesmo tendo estudado anos a fio?

Com vistas a conhecer resultados de pesquisas realizadas sobre essa temática, foi feito um estudo bibliográfico, entre os quais o de Emílio (2008), que afirma que as políticas públicas deveriam apresentar soluções para as questões educacionais voltadas para o ensino da língua inglesa, assim como a questão de atribuição de aulas e a garantia de vínculo dos profissionais dessa área na unidade pública.

Outros trabalhos analisados, entre eles o de Corrêa (2004), apontaram dados interessantes sobre o tema da pesquisa. Correa (2004) mostra que os filhos de empresários se preparam no ramo universitário, para o mundo dos negócios e para gestão empresarial. Os estudantes de camadas populares precisam trabalhar para prosseguir nos estudos, para seu auto sustento e, muitas vezes, para complementação do orçamento familiar. Muitos trabalham desde o início do Ensino Médio e ocupam cargos modestos no setor terciário.

O estudo em questão aponta para o fato de que nas classes menos favorecidas, poucos chegam ao Ensino Médio nas escolas públicas e, quando chegam, necessitam do trabalho para continuação dos estudos. Já os favorecidos conciliam estudo com os exercícios de atividades profissionais remuneradas, nas empresas do pai ou da mãe, sem necessidade de auto sustento ou de complementação do orçamento familiar. Possuem carro e viajam sempre. A Dissertação de Mestrado de Cruz (2003), também trouxe contribuições para a compreensão do tema da minha pesquisa e teve como objetivo mostrar quão importante é o estudo da língua inglesa no mundo globalizado, onde o mercado de trabalho procura não mais profissionais com inglês básico, mas pessoas que falem fluentemente o idioma.

O estudo das Dissertações de Mestrado citadas, assim como os dados obtidos com a pesquisa exploratória, foi fundamental para o desenvolvimento da investigação que realizei para este relatório, cujos resultados serão apresentados no terceiro capítulo. Tendo definido como objeto de estudo as práticas dos professores de língua inglesa do Ensino Médio realizei a pesquisa, tendo como sujeitos vinte e um professores de língua inglesa que trabalham em escolas públicas na Baixada Santista. A pesquisa utilizou, como procedimentos metodológicos entrevistas semiestruturadas e questionários compostos de questões abertas e fechadas, envolvendo: dados pessoais, atuação profissional, e questões abertas voltadas para as dificuldades dos professores nas práticas do ensino de inglês e também sobre sua própria prática pedagógica. Para as questões metodológicas, a pesquisa tomou como base os estudos de André (2008), Martins (2008) sobre a pesquisa qualitativa, além dos estudos de Szymanski (2010), sobre a realização de entrevista.

Motivada pelo interesse em ter respostas para a questão sobre os professores de língua inglesa e suas práticas, trouxe o foco da pesquisa para os professores que atuam no Ensino Médio de língua inglesa, com objetivo de investigar suas percepções sobre o ensino da língua. Para tal, foi elaborado o seguinte problema de pesquisa:

Quais as percepções dos professores de língua inglesa de escolas públicas de nível médio da Baixada Santista sobre suas práticas?

O objetivo geral da pesquisa é investigar as percepções dos professores de inglês em escolas públicas na Baixada Santista sobre suas práticas. Os objetivos específicos são:

1. Conhecer as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de língua inglesa
2. Investigar os elementos dificultadores reconhecidos pelos professores de língua inglesa no desenvolvimento das suas práticas pedagógicas nas escolas públicas de nível Médio da Baixada Santista.

Este relatório, além da Introdução, apresenta três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “A língua inglesa na sociedade globalizada”, propõe uma discussão sobre a importância do conhecimento da língua inglesa em nossa época e sua inserção na educação brasileira. O segundo capítulo, “Percepções dos professores de inglês do Ensino Médio sobre suas práticas pedagógicas” aborda questões sobre a prática docente e as dificuldades enfrentadas pelo professor de língua inglesa que atua em escolas públicas do Ensino Médio na Baixada Santista, discutindo, entre outros aspectos, o papel do diálogo na prática docente. O terceiro capítulo, “A pesquisa com os professores de língua inglesa no Ensino Médio da Baixada Santista e suas percepções sobre as práticas pedagógicas”, traz a metodologia e o resultado da pesquisa realizada com vinte professores de língua inglesa atuantes no Ensino Médio, que lecionam em escolas da Baixada Santista. Nas Considerações Finais são retomados os objetivos do trabalho e é apresentada uma reflexão sobre a pesquisa realizada.

CAPÍTULO 1 - A LÍNGUA INGLESA NA SOCIEDADE GLOBALIZADA

Este capítulo traz uma discussão sobre a língua inglesa na era da globalização, apresentando um estudo sobre a importância da globalização nos dias de hoje, e a inserção da língua inglesa neste contexto, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96).

A globalização tornou-se um dos conceitos mais usados atualmente, onde quer que tendências e assuntos de amplitude internacional sejam discutidos. Ela aparece em análises científicas, assim como na imprensa local, e há muito tempo ultrapassou o âmbito da economia, na qual foi concebida.

(MITTER, 2002, p 23)

1.1. Discutindo a questão: mundialização/globalização

O termo “globalização” ou, como prefere Ortiz (2006), “mundialização” entrou em nossa cultura, e trouxe reflexões sobre as produções artísticas, culturais e educacionais no mundo todo. Ortiz (1994, p 29) estabelece a diferença entre global e mundial, explicando que o global refere-se a processos econômicos e tecnológicos, enquanto a ideia de mundialização esta ligada ao domínio específico da cultura. Mundialização engloba formas de organização social: comunidades, etnias e nações. Na sociedade, o processo de mundialização é apresentado no seu cotidiano, por meio das manifestações culturais. A tecnologia também apresenta como fator de união entre culturas.

A internet realizou o sonho da aldeia global e trouxe novos cenários culturais, com informações geradas a cada minuto e divulgadas nas redes sociais,

possibilitando ao ser humano intercâmbios em segundos com qualquer pessoa que esteja conectada à rede. O sociólogo canadense Marshall McLuhan, na década de 60, foi o primeiro filósofo a discutir as mudanças sociais advindas da revolução tecnológica. De acordo com Sacristán,

(...) globalização significa o estabelecimento de interconexões entre países ou partes do mundo, intercambiando-se as formas de viver de seus indivíduos, o que eles pensam e fazem, criando-se interdependências na economia, na defesa, na política, na cultura, na ciência, na tecnologia, nas comunicações, nos hábitos de vida, nas formas de expressão, etc.

(SACRISTÁN, 2002, p 71)

Para Ortiz (2006, p. 17), “os linguístas nos ensinam que toda linguagem é capaz de exprimir em conceitos a experiência humana, assim, nenhuma delas é superior às outras”. No entanto, apesar da existência de cerca de 6.500 línguas faladas no mundo, o autor nos mostra que

a globalização declina-se preferencialmente em inglês(...), pois a presença de outros idiomas é constitutiva de vossa contemporaneidade, mesmo assim uma única língua entre tantas, detém uma posição privilegiada.

(ORTIZ, 2006, p 17)

O autor mostra que na globalização um dos componentes é a língua inglesa, como forma de comunicação global, e que esta tem se expandido no mundo todo por meio da cultura, divulgada pelos meios de comunicação. No dizer de Sacristán, a compreensão das contradições existentes na sociedade globalizada é fundamental para uma visão do processo como um todo complexo.

Para o autor:

Não devemos encará-lo como algo inevitável, como o final homogêneo e unificado da cultura em uma sociedade global, nem

rejeitar a dinâmica globalizada sem motivo algum; devemos sim penetrar nas contradições dos processos pelos quais determinadas características e realização culturais universalizam-se e cruzam-se com outras, fazendo uma leitura positiva dessa condição nas sociedades modernas (...)

(SACRISTAN, 2002, p 79)

A globalização hoje insere tanto o jovem como o adulto, seja por meio da internet, seja pela televisão, ou no trabalho, a conexão entre povos, culturas, e mesmo na nossa própria cultura, os padrões estão se tornando transnacionais. Para Rattner (1995),

caracterizamos a globalização como o resultado de um processo histórico, cujos fatores dinâmicos são a concentração-centralização de capital, o desenvolvimento dos meios de comunicação e o despertar da consciência sobre o destino comum da humanidade. Essa tendência manifesta-se, também, na difusão de padrões transnacionais de organização econômica e social, de consumo, de formas de lazer e de expressão cultural-artística, enfim, um estilo de vida decorrente das pressões competitivas do mercado, que aproximam culturas, políticas e práticas administrativas e difundem e generalizam os mesmos problemas e conflitos ambientais (RATTNER, 1995, p 22)

As pressões competitivas no mercado, nas palavras de Rattner (1995), estão no mundo dos negócios, nas *joint-ventures*, nas grandes empresas multinacionais, competindo em território nacional, visto que a língua inglesa lidera em transações no mundo inteiro. O idioma inglês deixou de ser obrigatório apenas para o executivo e passou a ser utilizado pelos funcionários, desde a recepcionista e a telefonista ao gerente de uma empresa.

1.2. A língua inglesa na globalização

Tal pensamento engloba o idioma inglês, considerado a língua universal para a conexão entre diferentes pessoas no mundo. A divulgação de textos e de entrevistas seja pela televisão, internet ou jornais é feita neste idioma. Na busca de informações, o inglês tornou-se o canal para que a “aldeia global” obtivesse o poder da comunicação. Assim, o planeta começou a falar, na mesma hora, em vários locais. É o fascínio da era da comunicação. A era da globalização.

Hoje a língua inglesa destaca-se em vários campos do saber, seja no mundo acadêmico, nos negócios e deixou de ser aquela ferramenta usada apenas para o turismo. Na realidade, para a maioria das pessoas, esse idioma é o passaporte para melhores posições no trabalho e um melhor salário. Conforme discute Ortiz (2006), o conhecimento da língua Inglesa é de extrema importância como veículo de comunicação, e, em nossos dias, é extremamente valorizada, principalmente porque possibilita maiores oportunidades de trabalho, o que pode ser um incentivo para o jovem continuar seus estudos acadêmicos. Para o autor, “O inglês é uma língua com uma história e centralidade própria, que através de diferentes mecanismos (escolas, instituições, missões religiosas, etc.) difunde-se no mundo” (...) (ORTIZ, 2006, p 24).

A compreensão dessa complexidade pode ser vista nas diferenças existentes na própria língua portuguesa. Esta é falada em quatro países: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, além das Ilhas de Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste; no entanto, há especificidades no vocabulário e na cultura dos diferentes povos. A língua inglesa é falada como primeira língua nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Irlanda, mas hoje, com a globalização, fica difícil determinar a

quantidade de interessados no mundo todo, que usam o inglês como segunda língua. Do ponto de vista de Ortiz (1994),

(...) sua difusão como língua mundial não é fortuita nem inocente. São várias as causas que determinam sua posição hegemônica no mundo atual: a existência da Inglaterra como potência colonizadora, o papel econômico dos Estados Unidos no século XX, a presença das corporações multinacionais, as transformações tecnológicas (invenção do computador e de uma linguagem informatizada), o peso de uma indústria cultural marcada por sua origem norte-americana.

(ORTIZ, 1994 p 28)

É nesse mundo interligado, que a língua inglesa está presente e é neste novo cenário que se insere o estudante, o qual vem buscar na sala de aula os saberes para sua vida profissional, acadêmica ou para viagens.

As formas de lazer, como a maior facilidade para o turismo no exterior, também merecem destaque. O cotidiano do jovem está pleno de informações escritas em língua inglesa e, hoje em dia, ele está, desde criança, familiarizado com as palavras escritas e faladas nessa língua, seja nos jogos, nas buscas feitas na Internet, e nos manuais de ferramentas tecnológicas. Assim, ele traz para a sala de aula informações, na maioria das vezes, descontextualizadas, caracterizando um processo fragmentado na aquisição dos saberes.

Em relação ao receio de que a língua inglesa possa influenciar as demais, Ortiz adverte que

o processo de globalização não é sinônimo de homogeneização, tampouco de americanização; trata-se de uma condição na qual as hierarquias e as linhas de força certamente existem, são desiguais, mas não implicam necessariamente a eliminação das diversidades.

Ortiz (2006, p. 18)

O autor nos mostra que no processo de reterritorialização, a língua estrangeira pode modificar-se e até ser adulterada.

(...) a língua inglesa, ao se reterritorializar no espaço da modernidade-mundo, adquire um outro significado. Ao tornar-se mundial (diz-se global em inglês), ela se liberta de seu enraizamento anterior instituindo um artefato a ser legitimamente “deformado” pelos falantes de uma mesma galáxia. Na situação de globalização, desconhecer o inglês significa ser analfabeto na modernidade-mundo, no entanto, como a existência de um padrão lingüístico é uma quimera ideológica, qualquer indivíduo, independente de sua origem, tem a oportunidade e o direito de manipulá-lo, “deturpá-lo”. A diversidade dos sotaques é o preço pago por sua hipercentralidade. (ORTIZ, 2006, p 27)

O idioma inglês é falado com várias nuances e ele se faz entender de muitas maneiras, como por exemplo, em emissoras de televisão, nas quais os correspondentes estrangeiros apresentam diferentes sotaques, fazendo assim a união da comunicação no mundo todo. A língua, deste modo, é necessária para todos os indivíduos seja no campo profissional ou em seu cotidiano.

O autor mostra que, inserida no cenário mundializado, a língua inglesa proporciona vantagens aos que dela se utilizam, tendo em vista seu estatuto “de neutralidade”, que funciona, sobretudo, “como meio de comunicação mais abrangente” (ORTIZ, 2006 p.21). Conforme este autor, o conhecimento da língua inglesa é de extrema importância como veículo de comunicação no mundo dos negócios, possibilitando acordos na política internacional e nas áreas de importação e exportação.

Segundo Tedesco (2006, p 27), as mudanças culturais na sociedade atual juntamente com as tecnologias da informação estão definindo as relações sociais:

Todo este processo do tipo econômico-político reforça-se também pela crescente globalização das comunicações. (...) As possibilidades abertas pelos satélites e pela utilização dos computadores têm apagado as fronteiras políticas na comunicação e na informação.

(TEDESCO, 2006, P 19)

Diante de tantas informações, escritas e divulgadas em língua inglesa – e também em outros idiomas, coloca-se o papel da educação na formação do cidadão crítico. Sob esse aspecto, as reflexões de Tedesco (2006) podem nos auxiliar para compreender a complexidade desse processo que envolve o acesso às informações (na língua materna e em outras línguas) e como processar essas informações e construir conhecimento.

(...) o papel da educação e do conhecimento na formação do cidadão implica incorporar nos processos educativos uma maior orientação para a personalização do processo de aprendizagem, para a construção da capacidade de construir aprendizagens, de construir valores, de construir a própria identidade.(...) Contudo, agora mais que nunca a democratização do acesso ao conhecimento e do desenvolvimento das capacidades de produzi-lo é fundamental para a coesão social.Mas uma educação com tais características é uma educação substancialmente diferente da tradicional, do ponto de vista de suas modalidades de gestão e de seus conteúdos.A transformação da educação está, por isso, na ordem do dia na maior parte dos países.

(TEDESCO, 2006 p 33)

E a construção do novo cidadão começa na escola, na sala de aula e com práticas pedagógicas adequadas que auxiliem o aluno na compreensão da diversidade de informações, de modo que ele possa compreender as culturas interligadas pelo mundo todo. O papel do docente, de grande envolvimento com seu aluno, interferindo no cotidiano, trazendo a língua inglesa de forma útil, mostra-se fundamental para que conhecimento se efetive.

Em um mundo onde a informação e os conhecimentos acumulam-se e circulam através de meios tecnológicos cada vez mais

sofisticados e poderosos, o papel da escola deve ser definido por sua capacidade para preparar para o uso consciente, crítico, ativo, dos aparatos que acumulam a informação e o conhecimento. Nesse sentido, parece que uma das pistas mais promissoras de trabalho para a escola é a que a toma como esfera de disposição para a convivência, as relações cara a cara, com a possibilidade de oferecer um diálogo direto, um intercâmbio com pessoas reais (...)

(TEDESCO, 2006, p 42).

O uso consciente e crítico da informação são, portanto, fatores que nos auxiliam a compreensão dos caminhos para o ensino no mundo globalizado. A aprendizagem de cada aluno é fundamental, pois estes jovens estarão atuando futuramente na sociedade, nos negócios, na saúde, nas universidades. Sob esse aspecto, “(...) conhecer é o esforço contínuo de querer e buscar compreender o mundo em que está inserido. A leitura do mundo mostra-se significativa quando o sujeito se compreende como parte dele”. (GHEDIN; FRANCO, 2008, p 149)

Nas palavras de Ghedin e Franco (2008), o conhecimento nos leva a refletir sobre a busca pelo saber na sociedade moderna. O planejamento adequado para a aprendizagem dos alunos faz-se necessário para a melhoria das práticas. Sob esse aspecto, trazer todos os alunos para o centro das discussões, em forma de dinâmicas, faz com que a classe inteira participe, mesmo os desinteressados, os tímidos e com dificuldades na fala. O professor precisa usar seu saber para adequar o melhor exercício para cada grupo.

(...) o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber *deles* e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc (...)

(TARDIF, 2008, p 11)

De forma dialógica, o professor busca as ferramentas para transmitir de forma adequada e dinâmica, o material da aula. Diálogo, gestos, olhares... Uma comunicação geral, quer seja com o falante da primeira fileira, ou com o tímido do extremo canto esquerdo ou mesmo com o “bagunceiro e desinteressado” da última fileira. Trazer todos para o saber, o interesse naquela aula é a proposta do docente. Lembrando as palavras de Tardif,

(...) saber alguma coisa não é mais suficiente, é preciso também saber ensinar. O saber transmitido não possui, em si mesmo, nenhum valor formador; somente a atividade de transmissão lhe confere esse valor.

(TARDIF, 2008, p. 44)

Deste modo, refletir sobre como estão sendo realizadas as práticas pedagógicas e como está ocorrendo a formação do aluno é um dos aspectos fundamentais para o professor de língua inglesa.

Para Morin (2000, p 67) “o mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz mais e mais parte do mundo, e o mundo como um todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes”. Essa união entre culturas e conhecimentos, onde a língua inglesa lidera como o idioma mais usado, também está presente em nossa cultura.

1.3. O ensino da língua inglesa no Brasil : aspectos da legislação

De acordo Arriada e Farias (2008, p 69), depois da chegada da Corte portuguesa em 1808 e a vinda de D. João VI ao Brasil, houve a criação de várias instituições de ensino superiores e, com a Resolução de 7 de novembro de 1831,

foi determinado que a língua inglesa deveria fazer parte da formação, ao lado de outras disciplinas:

Para o estudo das matérias dos exames preparatórios exigidos para matrícula serão incorporados à Academia Jurídica as seguintes cadeiras: latim; francês; inglês; retórica e poética; lógica, metafísica e ética; aritmética e geometria; história e geografia.

(MOACYR, apud Arriada e Farias, 2008, p 62)

Conforme Moacyr (apud Arriada e Farias, 2008 p 62), a Lei 03 de outubro de 1832, estabelecia que a formação deveria incluir o conhecimento da língua inglesa: o estudante que “se matricular para obter o título de doutor em medicina deve: 1º- ter pelo menos 16 anos completos; 2º - saber latim, qualquer das duas línguas, francesa ou inglesa, filosofia racional e moral, aritmética e geometria” . Assim sendo, o inglês passa a fazer parte das disciplinas obrigatórias para o ensino superior.

Segundo Paiva (2003, p. 53), “após a segunda guerra mundial, intensificase a dependência econômica e cultural Brasileira em relação aos Estados Unidos e a necessidade ou desejo de se aprender inglês é cada vez maior”.

Em 1961 a Lei de Diretrizes e Bases eliminou as línguas estrangeiras como obrigatórias do currículo, as quais passaram a ser consideradas atividades, não fazendo parte da avaliação do aluno. No entanto, de acordo com Paiva,

paradoxalmente, o prestígio da língua inglesa aumenta a partir do momento em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 retirava a obrigatoriedade do ensino de LE do ensino médio, atual ensino básico e deixava a cargo dos estados a opção pela sua inclusão nos currículos.

PAIVA (2003, p. 53)

Nos anos de 1960, a explosão da música americana e inglesa, o cinema e a influência cultural intensificaram o interesse pelo inglês, interesse este que tem crescido nos últimos anos.

Em 1976, a Resolução nº 58 de 1º de dezembro, determinou a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira para o 2º grau e em 1985 o Conselho de Educação, substituiu “disciplina” por “atividade”. Consoante Paiva (2003) isso intensificou as diferenças culturais, com a separação entre as elites e as classes populares, sendo que as elites continuavam estudando língua inglesa em escolas particulares ou nos institutos de idiomas, enquanto a classe menos favorecida tinha contato restrito com a língua estrangeira.

Ainda conforme discute Paiva (2003), em novembro de 1996 a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) promoveu o primeiro Encontro Nacional de Política de Ensino de Línguas (I ENPLE), quando foi proposto que todo brasileiro tem direito à cidadania, o que inclui a aprendizagem de línguas estrangeiras, não apenas com objetivo instrumental.

Em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), que determinou a inclusão de uma língua estrangeira no currículo do 6º ao 9º anos do ensino fundamental e, de preferência, duas no ensino médio, ficando sempre a escolha das línguas a critério da escola.

No Art. 26 Parágrafo 5º, a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), determina que na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Conforme consta no Currículo Oficial do Estado de São Paulo- Linguagens, códigos e suas tecnologias- Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio (2010, p 105), as principais ênfases devem ser dadas à estrutural e à comunicativa, sendo que a ênfase estrutural abrange o saber e a ênfase comunicativa, o fazer.

(...) As funções comunicativas, tais como: cumprimentar, trocar informações pessoais, perguntar e responder sobre acontecimentos temporalmente identificados tornaram-se o eixo organizativo do Currículo. (Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, códigos e suas tecnologias- Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, 2010, p 105)

Em relação à ênfase comunicativa, o fazer significa o uso da língua como comunicação, com ênfase em quatro habilidades: ler, falar, ouvir e escrever.

No Estado de São Paulo, esta foi a proposta Curricular da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP) de 1988. Mas, segundo o próprio Currículo (2010, p 106), “a ênfase comunicativa, na prática, mal se instalou nas escolas ou, quando muito, ficou reduzida ao ensino de algumas funções comunicativas e ainda sob forte influência da orientação estrutural”.

Atualmente, segundo consta no Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, Códigos e suas tecnologias - Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, (2010 p 106):

(...) os estudos da linguagem buscaram compreender as relações entre oralidade e escrita, consubstanciadas nas práticas de uso da linguagem em sociedade letradas. Especificamente no campo do ensino de línguas estrangeiras, essa busca levou à proposição de uma terceira ênfase, que destaca os letramentos múltiplos e subsidia as orientações metodológicas atuais.

O ensino de inglês na educação básica, portanto, contempla não apenas os pressupostos teóricos, mas também as práticas que possibilitem o domínio do idioma. O que se observa, porém, é que o desenvolvimento para gerenciar situações de aprendizagem ainda se enquadra em um cenário utópico, levando em consideração as condições reais de aprendizagem do aluno e as próprias condições dos professores para o ensino da língua inglesa.

CAPÍTULO 2 – PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE INGLÊS DO ENSINO MÉDIO SOBRE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

Hoje, o jovem que está em busca de um emprego no mercado de trabalho, necessita saber a importância da Língua Inglesa para sua qualificação profissional e ter o conhecimento específico para isso. A formação deste jovem na língua estrangeira começa na escola, com o aprendizado da língua materna. Para o jovem que termina o Ensino Médio e vai para mercado de trabalho, muitas vezes para custear a mensalidade do curso no Ensino Superior, o conhecimento da língua inglesa é um diferencial.

O Art. 35 da LDB (BRASIL, 1996) determina “a preparação básica para trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores”.

Dessa forma, a legislação busca garantir um estudo de qualidade para os alunos. A pesquisa realizada, no entanto, mostrou o outro lado da questão: classes numerosas, desinteresse dos alunos e falta de material tornam difícil a prática docente.

Neste capítulo serão abordadas questões voltadas para as percepções dos professores de língua inglesa, sobre o currículo das escolas públicas do Ensino Médio da Baixada Santista, suas práticas, além do estudo sobre as propostas educacionais a respeito das habilidades a serem desenvolvidas, o perfil e as competências do docente.

2.1. Diretrizes curriculares para Ensino de língua inglesa

No Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio (2010), a disciplina de Língua Estrangeira Moderna (LEM) é fator importante na formação do indivíduo, e está centrada nos modos de expressar. Essa metodologia contribui para a construção da competência discursiva do estudante, por meio da experiência em língua materna e estrangeira. De acordo com o documento, o objetivo é “promover, no ambiente educacional, a reflexão sobre essas experiências pode constituir-se fecundo instrumento para a formação humana e cidadã dos estudantes” (Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio (2010,p 107).

No Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, códigos e suas Tecnologias Ensino Fundamental – ciclo II e Ensino Médio (2006, p 111), o diálogo é colocado como fator importante tanto nas escolhas metodológicas como na escolha de temas, pois com eles cria-se a formação para a cidadania e o mundo do trabalho.

Com relação aos conteúdos para o Ensino Médio, há reflexão crítica a partir da leitura e da escrita. Conteúdos básicos apresentados no Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, códigos e suas Tecnologias Ensino Fundamental – ciclo II e Ensino Médio (2010 p 109) mostram que a ênfase deve ser dada à compreensão e à interpretação de significados (dos textos lidos, dos textos escritos, da participação nas atividades e na resolução de problemas de modo colaborativo etc). Em segundo lugar, o estudo das características e da organização de diversos textos adquire relevância no desenvolvimento dos conteúdos. Isso ocorre já que o trabalho de compreensão e interpretação de

significados baseia-se na análise do contexto histórico, social e cultural em que textos são produzidos e lidos. Finalmente, o ensino e a aprendizagem ocorrem de forma espiralada: os alunos têm contato com o objeto de estudo (textual, lexical ou estrutural) diversas vezes, em momentos e contextos diferentes, de modo a gradualmente ampliar e reelaborar seu conhecimento.

Por fim, vale dizer que o foco nas competências de leitura e de escrita não significa a negação da oralidade. Pelo contrário: é por meio da oralidade que se instauram a intervenção e o diálogo, que se possibilita o desenvolvimento não só de habilidades linguísticas, mas, principalmente, de habilidades de pensamento e de reflexão.

(Currículo do Estado de São Paulo- Linguagens, códigos e suas Tecnologias Ensino Fundamental – ciclo II e Ensino Médio, 2010, p. 110)

A proposta do currículo também faz referência à função do professor como mediador, visto que cabe a ele interpretar, ler e escrever com os alunos, além de exercer o papel de orientador dos alunos. O foco é o aluno, inclusive, no sentido de trazer para o grupo aquele aluno desinteressado, resgatar seus conhecimentos e saberes, mantendo sua atenção.

(...) parece-nos que a escola (e os professores) tem um grande trabalho a realizar com as crianças e os jovens, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, no sentido de possibilitar-lhes pelo desenvolvimento da reflexão adquirirem a sabedoria necessária à permanente construção do humano (PIMENTA, 1999 p 22)

2.2. Perfil e competência do professor de língua inglesa

Os documentos do MEC, especificamente as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação (BRASIL, MEC, 2000) definem as competências e habilidades do futuro profissional de língua inglesa, a saber:

- domínio do uso da língua portuguesa ou de uma língua estrangeira, nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e, produção de textos;
- reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico;
- visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias, que fundamentam sua formação profissional;
- preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho;
- percepção de diferentes contextos interculturais;
- utilização dos recursos da informática;
- domínio dos conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio;
- domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino.

Em relação ao perfil do professor, o documento do MEC faz referência a “formar profissionais competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e consciente de sua inserção na sociedade e das relações com o outro” (BRASIL, MEC,2000).

Além disso, o profissional também deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos. Para Sacristán (1992), não se trata de tecnicismo, mas de formação que envolve a experiência e os saberes adquiridos no processo.

A competência docente não é tanto uma técnica composta por uma série de destrezas baseadas em conhecimentos concretos ou na experiência, nem uma simples descoberta pessoal. O professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes. (SACRISTÁN, 1992, p. 74)

Nas Diretrizes Curriculares apresentadas, observa-se a consciência da diversidade/heterogeneidade do conhecimento do aluno, em relação à sua formação anterior, interesses e expectativas em relação ao curso e ao futuro da profissão. Conforme salientado no texto de I.Gretel M. Eres Fernández, (in GIL, ABRAHÃO, 2008, p. 277)

(...) Some-se a isso o fato que em muitas instituições o curso completo de Letras (Bacharelado e Licenciatura) tem a duração de três anos, o que torna quase inviável obter-se níveis de qualidade plenamente satisfatórios. Como fazer com que alguém se torne, em apenas seis semestres de estudo, um falante competente de uma língua estrangeira, um leitor consciente, um crítico literário, um escritor proficiente e um bom professor?

Os autores ressaltam a ocorrência de diversos fatores que contribuem para uma formação não adequada: a carga horária de língua estrangeira reduzida; turmas numerosas (o que inviabiliza ou dificulta as atividades de prática oral da língua estrangeira).

A competência profissional é compromisso de cada docente que por meio dela transforma seus saberes de forma fácil, agradável para entendimento de seus alunos. Há o fator motivação que independe do docente. Segundo Perrenoud (2000, p 71)

(...) Ensinar é também estimular o desejo de saber. Só se pode desejar saber ler, calcular de cabeça, falar alemão ou compreender o ciclo da água, quando se concebem esses conhecimentos e seus usos. Às vezes, isso é difícil, porque a prática em jogo permanece opaca, vista do exterior. Como alguém que nem mesmo imagina o que é cálculo diferencial desejar dominá-lo? Como poderia compreender de que se trata sem dominá-lo?

O autor acima demonstra a competência na transmissão da matéria, estímulo para o aluno, ter vontade de procurar mais, saber mais, interagir com a classe como um todo. Demonstrando a vontade da pesquisa, do conhecimento, e colocá-lo em forma prática para melhor entendimento.

2.3. Os saberes e práticas do professor de língua inglesa

O ser humano, como bem o define Sacristán (2002), é um ser intercultural e, no processo de socialização do conhecimento, poderá discernir as diferenças culturais e participar de outras culturas, sem que seja afetado diretamente por elas.

Todos nós, toda cultura, participamos de outras culturas inexoravelmente, porque as fronteiras de cada uma delas não são barreiras intransponíveis nem muito bem delimitadas. Somos necessariamente seres interculturais ou mestiços; inevitavelmente heterogêneos em grau diverso, porque cada um de nós leva essa condição adquirida no processo de socialização.

(SACRISTÁN, 2002, p 85)

No entanto, os saberes fragmentados e descontextualizados, assim como o que significa a diversidade cultural e linguística, muitas vezes não são assuntos discutidos na escola básica, quando o aluno é iniciado no idioma. O estudo de Ortiz, sob este aspecto, nos faz pensar sobre o que significa aprender uma segunda língua e quando a pessoa realmente aprende. Afirma o pesquisador: “uma segunda língua é aprendida unicamente quando o falante estima que pode obter vantagens em utilizar outro idioma, cujo raio de atuação é mais amplo” (ORTIZ, 2006 p. 20).

Na concepção de Pimenta (1999,p 20), a docência engloba três saberes distintos: a experiência, o conhecimento e os saberes pedagógicos. Com relação aos saberes pedagógicos, a autora esclarece que eles são produzidos na ação, ou seja, por meio da própria experiência docente, saberes estes adquiridos com base na reflexão sobre o cotidiano e a própria prática.

Os profissionais da educação, em contato com os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia, podem encontrar instrumentos para se interrogarem e alimentarem suas práticas, confrontando-os. É aí que se produzem saberes pedagógicos na ação.

(PIMENTA, 1999 p 26)

Confrontando seus saberes pedagógicos em sala de aula, o professor começa a confrontar a teoria e a prática, podendo assim usar da reflexão e da experiência para melhorar suas aulas e criar novas técnicas que possibilitem aos alunos, em classes diferentes, um melhor aprendizado.

Pimenta (1999, p. 22) alerta para o fato de que,

Não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção do conhecimento. Ou seja, conhecer

significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade.

A mesma ideia encontramos em Tardif (2008, p. 36), quando este se refere ao saber docente como um saber plural, considerando que “(...) a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos”. Para Tardif (2008, p. 36), a prática docente. “(...) integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações”. Assim, os saberes disciplinares são oriundos da formação e os saberes experienciais têm como base o trabalho cotidiano e a própria experiência do professor.

Essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática.

(Tardif, 2008 p 39)

Desta maneira, os saberes docentes são dimensionados na prática e estão articulados não apenas à seleção dos conteúdos disciplinares, mas também nas interações entre o docente e outros campos do saber. As vivências dos professores, assim como a troca de experiências com outros profissionais podem motivar novas reflexões sobre a prática e redimensionar os saberes.

Da mesma forma, os saberes disciplinares, vivenciados durante o processo de formação, podem ser motivo de reflexão constante dos professores e permear novos diálogos em sala de aula. Na mesma direção, pode-se afirmar que os conhecimentos didáticos do professor, adquiridos durante sua formação e que integram sua formação didático-pedagógica, também sofrem transformações. As

técnicas de ensino, a metodologia que norteia as práticas estão em constante avanço e não estão afastadas das propostas pedagógicas presentes nas políticas educacionais.

Sob esse aspecto, os saberes curriculares, a apropriação de objetivos, dos discursos, dos conteúdos e dos métodos que são apresentados aos professores em formas de projetos políticos ou programas a serem implantados nas escolas devem ser motivo de reflexão por parte dos educadores e não apenas modelos a serem seguidos.

O trabalho do professor envolve a observação do potencial dos alunos e está voltado para as dificuldades por eles enfrentadas, de modo a efetivar-se a aprendizagem. Ao professor cabe conhecer melhor seu aluno, considerando que se trata de uma pessoa diferente das outras, buscando trabalhar com as potencialidades humanas, os interesses individuais e a diversidade.

A metodologia utilizada nas aulas pode fortalecer a autoestima discente, para que ele possa acreditar em seu potencial. Segundo Martins (2001, p. 47), a confiança envolve disposição para duvidar do medo, para aceitar as oportunidades que a vida oferece, para agir na certeza de que tudo é possível e para crer, mesmo quando seria fácil não crer. Ou seja, a confiança é sempre uma “disposição para”. Esta disposição pode ser uma estratégia inicial de contato que possibilite a realização da “viagem” para a compreensão do idioma estrangeiro. Contudo, visto no cotidiano das práticas, algumas questões sobressaem, entre elas: os estudantes estarão prontos para receber as críticas do grupo? Estarão prontos para a “viagem”, que envolve o lúdico e o jogo? Serão capazes de mostrar-se para o outro? Aceitam perder? Essas indagações nos remetem a

problemas enfrentados diariamente pelos professores de língua inglesa e podem representar verdadeiras barreiras psicológicas para a aprendizagem.

Verificamos, assim, que a troca de experiências de vida e os debates sobre situações que aparentemente estão fora dos conteúdos podem contribuir para a compreensão de si e do outro. Cury (2001, p.72) comenta que “a educação da emoção não pode florescer se professores e alunos dividem o mesmo espaço físico e respiram o mesmo ar, mas não cruzam suas histórias, não falam das suas emoções”. Assim, a comunicação efetiva inicia-se com o saber diferenciar comportamentos de cada um dos alunos, aliada à atenção e ao respeito pelo potencial de cada aluno. Segundo Freire (1997, p.68)

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Quando se trata das aulas de língua estrangeira, no Ensino Médio, essa disciplina ocupa um pequeno espaço no currículo, o que impede o professor de realizar uma observação mais aprofundada de seus alunos, considerando que tem que dar conta dos conteúdos propostos nos planos de ensino. Dessa forma, tem-se como resultado aulas padronizadas, sem a preocupação com o perfil heterogêneo da classe. A falta de conhecimento do aluno poderá ser um dos fatores que intensificam o medo, expresso por alguns estudantes de língua inglesa, de se exporem diante do grupo, de falar em público, o que os impede de desenvolver diálogos participativos. Esses fatores interferem no desenvolvimento das habilidades para a aprendizagem do idioma.

A aquisição de competências para o conhecimento da língua pressupõe saber como criar condições para estimular e manter confiança do aluno em suas atividades, corroborando com as palavras de Freire (1997, p. 22), quando afirma que: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

CAPÍTULO 3 – A PESQUISA COM OS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO MÉDIO NA BAIXADA SANTISTA E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

Freire (2010) nos mostra que as práticas estão exigindo novas formas de ensinar e o diálogo e a troca de experiências insere-se como componente fundamental na relação aluno-professor. O diálogo torna-se, assim, um instrumento determinante no ensino da língua inglesa, uma estratégia fundamental para o desenvolvimento do conhecimento do estudante e uma forma de participação colaborativa, que pode ser um componente importante no desenvolvimento da auto-estima dos alunos. No pensamento de Freire (1997), o processo de educação é dialógico, possibilitando a ambos, professor e aluno, desenvolver suas potencialidades de comunicação e de construção do saber.

Freire (1997) mostra que o professor está próximo ao aluno não apenas de forma “mecânica”, ditando as normas, mas principalmente aberto para aprender com os estudantes e interagir com eles. Canário (2005) também nos auxilia a compreender melhor a relação professor-aluno, ao referir-se à busca do estudante para aprimorar-se e assim melhorar sua condição de trabalho. Para o autor, a “aprendizagem na ação” apresenta-se como um dos caminhos possíveis para a aprendizagem e, sob esse aspecto, as experiências dos sujeitos são também fundamentais no processo.

(...) a aprendizagem corresponde a um trabalho que cada sujeito realiza sobre si próprio. Ao interagir com o mundo que o rodeia, cada sujeito constrói teorias que permanentemente testa através da ação. A articulação entre a informação e a experiência assume um papel central, o que se traduz em considerar cada sujeito como o principal recurso para a sua aprendizagem. A

aprendizagem na ação supõe uma atividade de experimentação (CANÁRIO, 2005, p. 70).

A interação entre professor e aluno possibilita a experimentação da linguagem e da própria teoria do aprendizado, considerando que o conhecimento também ocorre na troca de experiências vivenciadas no interior da sala de aula e no mundo do trabalho. Está presente na experimentação de novas palavras e na utilização de expressões técnicas, trazidas pelos alunos, o que pode resultar em trocas significativas para o grupo. O diálogo, utilizado como metodologia na comunicação, pressupõe a mediação entre professores e alunos e entre grupos de alunos entre si, constituindo um momento único de testagem e troca de saberes.

Para o aprendizado da língua inglesa, não bastam apenas regras gramaticais, por meio de exercícios de completar, conjugações de verbos, etc. A prática também inclui a teoria, na fala, nos gestos, na comunicação como um todo. E é neste sentido que os alunos começam interessar pela língua inglesa, vendo suas próprias produções, falando, ouvindo, dramatizando conversações. Constroem situações através da fala, resgatando nesse processo o embasamento teórico.

Conforme é apresentado no Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias, divulgado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP, 2010, p 106), a língua estrangeira deve ser ministrada por meio de textos e práticas sociais, possibilitando ao aluno conhecimento e reconhecimento de si e do outro, em diferentes formas de interpretação do mundo.

Numa sala de aula, os alunos interagem usando o vocabulário, a gramática em seu vocabulário, e desenvolvem a aprendizagem por meio de práticas discursivas que envolvem teatro, música, debates, dependendo do grau de conhecimento da língua. A interação possibilita a descontração do aluno e a quebra de resistência ao aprendizado, quebrando também o medo da exposição e da crítica. O aluno testa sua fala simultaneamente testando seu interlocutor processando-se assim rico momento de troca e aprendizado.

O professor de língua inglesa, no Ensino Médio, interage com seus alunos, que são jovens, e que se preparam para o mundo profissional e, com base nesse conhecimento, pode promover debates e reflexões entre os alunos. Promover essa mudança no jovem, introduzir questões sobre a importância da língua inglesa em sala de aula, por meio de diálogo, interação, torna fundamental para se criar uma atmosfera crítica.

Este capítulo traz reflexões sobre os resultados da pesquisa realizada com os professores de língua inglesa que atuam em escolas do Ensino Médio da Baixada Santista, e que tomou por base os dados obtidos com a pesquisa exploratória, necessária ao aprofundamento do estudo.

3.1. Pesquisa de Campo: Descrição do processo

Pesquisar e produzir conhecimento criativo é como pintar um quadro. A pintura, expressa no recorte do artista, expõe o visível que não se vê, e é preciso aprender a ver não só o visível, mas também aquilo que ele esconde por trás de si. (GHEDIN; FRANCO, 2008 p 78)

Na Baixada Santista, onde esta pesquisa se insere, têm ocorrido mudanças em decorrência da descoberta do Pré-Sal, e observa-se o movimento

das empresas na apresentação de projetos, que envolvem profissionais de todas as partes do mundo. Como cidade turística e com a importância do Porto, Santos tornou-se polo de negociações do mundo inteiro.

A pesquisa inicial realizada com alunos de cursos de inglês revelou que eles têm consciência de sua deficiência em relação à língua inglesa e procuram os cursos para suprir essa deficiência ou para aperfeiçoar seus conhecimentos. As limitações de tempo e as dificuldades para aprender o idioma são notórias. A qualificação deste aluno, que busca superar os desafios em relação ao aprendizado de outra língua, coloca-se também como meta para os professores que atuam na área.

Os dados colhidos na pesquisa exploratória, realizada no início de meu ingresso no Mestrado em Educação, levaram-me ao recorte mais preciso da investigação, que passou a ter como foco os professores. O objetivo era conhecer as dificuldades dos professores de língua inglesa do Ensino Médio em relação às suas práticas. Para tal, foi realizada em abril de 2011 uma investigação com vinte e um professores de inglês da rede pública das escolas da Baixada Santista, tendo utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário contendo 14 perguntas. A coleta de dados foi realizada em escolas públicas de Santos e São Vicente, realizadas em abril de 2011 e dois sujeitos coletados em novembro de 2011, realizada no mesmo dia das entrevistas. Os questionários foram entregues à coordenadora pedagógica da escola, posto que alguns professores estavam ausentes da escola e outros em sala de aula. Já os questionários coletados em novembro foram entregues aos professores, sendo que dois participaram da entrevista.

O instrumento era composto de questões abertas e fechadas e dividido em quatro partes. A primeira parte buscou conhecer os dados pessoais do sujeito; a segunda, a atuação profissional, a terceira, a formação acadêmica dos professores e a quarta parte compreendeu seis questões abertas, voltadas para a prática docente, com objetivo de conhecer as dificuldades e os problemas enfrentados pelos sujeitos da pesquisa, além de procurar saber de que maneira o professor de língua inglesa se via como professor, no contexto de escola pública e da globalização.

Na definição de Moroz; Gianfaldoni (2006, p 78): “O questionário é um instrumento de coleta de dados com questões a serem respondidas por escrito sem a intervenção direta do pesquisador”. O instrumento utilizado possibilitou o mapeamento das questões, considerando que os sujeitos puderam contar um pouco sobre sua trajetória profissional e de formação nas respostas às questões abertas, assim como expressar-se sobre problemas vivenciados no cotidiano da sala de aula. Os dados obtidos com a aplicação do questionário foram apresentados no Relatório Parcial para o Exame de Qualificação e, para complementá-los, a pesquisa ainda incluiu um outro momento, no qual foram feitas entrevistas com três professores da rede pública de ensino. Essas entrevistas foram efetuadas em duas escolas estaduais, sendo uma na cidade de São Vicente e outra na cidade de Santos, em novembro de 2011, ambas agendadas por intermédio da coordenadora pedagógica. Na escola de São Vicente, cada entrevista durou cerca de uma hora, no dia 18 de novembro de 2011, já em Santos, durou cerca de meia hora, realizada no dia 25 de novembro de 2011.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para a análise das respostas. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a pesquisadora deixado claro que as informações coletadas eram estritamente confidenciais. Segundo Lankshear; Knobel (2008, p 100): “Os participantes devem ter a garantia, por escrito, que suas identidades serão preservadas, tanto quanto possível, em qualquer relato de resultados e processos do projeto”.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, buscou conhecer o perfil do professor de língua inglesa e as práticas atualmente usadas nas escolas públicas da Baixada Santista. Segundo Martins (2008, p 58), “no que se refere à pesquisa qualitativa pode-se dizer que os dados são coletados através da descrição feita pelos sujeitos (...)” . Dessa forma, as descrições e as narrativas dos sujeitos serviram de subsídio para elaborar o perfil dos participantes e conhecer suas percepções sobre as práticas pedagógicas utilizadas em suas aulas.

Este Relatório traz, portanto, os dados obtidos com as respostas dos sujeitos nos questionários e nas entrevistas, tendo em vista que o objetivo do estudo é compreender as práticas dos professores de língua inglesa, com base na análise do conteúdo.

Sequencialmente serão apresentados os dados da pesquisa, a partir do mapeamento do perfil dos sujeitos participantes, formação e percepções sobre suas práticas. Apoiando-se nos conceitos de Moroz; Gianfaldoni (2006, p 85):

“É de fundamental importância que o pesquisador, após ter coletado os dados que poderão responder ao problema colocado, torne-os inteligíveis. Tornar os dados inteligíveis significa organizá-los de forma a propor uma explicação adequada àquilo que se quer investigar(...)

Desta forma, foi efetuada a análise de dados de dados, após coletado os questionários e entrevistas, apresentando os resultados obtidos na pesquisa.

Os dados sobre o perfil dos sujeitos da pesquisa mostraram que, dentre os vinte e um dos professores de inglês nas escolas públicas de nível médio, na Baixada Santista, 90,47% são do sexo feminino e 9,53% masculino. Isso significa que, mesmo em se tratando de língua estrangeira, predomina o gênero feminino na profissão de professor. Em relação à faixa etária, observou-se a predominante entre 41-50 anos, com 57,14% dos entrevistados, em contraposição ao pequeno número de sujeitos com faixa etária entre 17 e 30 anos (Tabela 2).

Tabela 1- Sexo dos participantes

Sexo	Número de sujeitos	%
Masculino	02	9,53%
Feminino	19	90,47%

Tabela 2 - Faixa etária

Faixa Etária	Número de sujeitos	%
17-20	01	4,76 %
21-30	01	4,76 %
31-40	03	14,28 %
41-50	12	57,14%
Mais de 50	04	19,04 %

O número pouco significativo de jovens professores de língua inglesa entre os sujeitos da pesquisa pode ser um indicativo importante para a análise sobre o cenário que envolve professores de inglês em nosso país

Em relação à atuação profissional dos pesquisados, obtivemos as seguintes informações:

Tabela 3 – Atuação profissional

Escola	Número de Sujeito	%
Escola Pública (Fundamental)	15	71,43%
Escola Pública (Médio)	21	100%
Escola Privada (Fundamental)	02	9,52 %
Escola Privada (Médio)	01	4,76 %

Destes professores de escola pública, 10 são titulares de Cargo e 11 são contratados. Em relação à atuação profissional, todos (100%) atuam em escola pública (Ensino Médio). Quanto à formação, obtivemos o seguinte quadro:

Tabela 4 – Formação dos sujeitos

Nível de Formação	Número de Sujeitos	%
Ensino Superior - Pública	01	4,76 %
Ensino Superior - Privada	19	90,48 %
Lato Sensu – Pública	0	0
Lato Sensu- Privada	06	28,57 %
Stricto Sensu – Pública	0	0
Stricto Sensu - Privada	01	4,76 %

Dentre os sujeitos, um deixou em branco o campo do Ensino Superior. A maioria (90,48%) completou o Ensino Superior em faculdades privadas. Quanto à formação continuada, 28,57% fizeram cursos de pós-graduação *lato sensu* e apenas 4,76%, ou seja, apenas um sujeito, chegou ao *stricto sensu*. Em relação aos Cursos Livres de Língua Inglesa, os resultados mostram o seguinte cenário:

Tabela 5- Cursos livres de língua inglesa

Nível	Número de Sujeitos	%
Básico	02	9,52 %
Intermediário	05	23,81 %
Avançado	11	52,38%

As informações dadas pelos sujeitos mostraram que 52,38% fizeram cursos livres de inglês, ou seja, um pouco mais da metade dentre os pesquisados. Um número maior com relação ao *lato sensu* (28,57%)

Perguntados sobre a sua dedicação ao estudo, além do preparo das aulas que ministram, dos 21 participantes da pesquisa, 14 (66,66%) responderam afirmativamente. Dentre as respostas afirmativas, 05 professores responderam que estudam, mas não citaram como e nem onde; 02 se dedicam ao preparo de exercícios para as aulas; 04 fazem exercícios de livros, leitura, sites, ou de conversação, 01 sempre estudou sozinho em casa, sem nenhum curso extra e apenas 02 fazem cursos de atualização. A formação continuada dos sujeitos é significativa para aqueles que estão em contato com as novas metodologias, seja por meio de cursos de formação continuada, seja participando de cursos em escolas de idioma. Uma das pesquisadas assim respondeu.

Procuro estar sempre por dentro de novas técnicas de ensino-aprendizagem. Acredito que cursos de aperfeiçoamento são essenciais para desenvolver a autocritica do professor e a qualidade do seu trabalho. (Sujeito 7)

Atualmente, todo profissional respeitado busca não só desafios, mas aprimoramento profissional, qualificação para um mercado de trabalho exigente. E na educação isso também ocorre, visto que os professores procuram investir na formação continuada, embora resultados de pesquisas, como a de Fernández (in GIL, ARRAHÃO, 2008, p,279), mostrem uma realidade diferente:

A busca pelo aprimoramento profissional- individual ou coletivo- é de responsabilidade de todos os professores que atuam no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, no Nível Superior e nos Cursos Livres. Sem dúvida, tal aperfeiçoamento exige sacrifícios, dedicação e empenho. Mas também exige conscientização de que cada um de nós é responsável- diretamente- pela qualidade da Educação que se oferece aos estudantes. E não cabe a menor dúvida de que há muito a se feito, mas resta a certeza de que muito podemos fazer.

O mercado de trabalho pede um novo profissional, qualificado com no mínimo um inglês em nível intermediário. O perfil do professor de língua inglesa hoje, revela um profissional que tem problemas com a falta de material didático e com o desinteresse demonstrado pelos alunos. Neste mundo globalizado, com o mercado de trabalho exigindo uma segunda língua, muitos dos jovens ainda não despertaram para o novo mundo que além de digital, é bilíngue.

Em vista das dificuldades expressas pelo professor de língua inglesa do Ensino Médio, não se pode deixar de lado também a formação do professor. Sob esse aspecto, a pesquisa realizada com vinte e um professores em escolas públicas mostrou que 23,81% dos professores entrevistados estudaram inglês em cursos livres até o nível intermediário. Ou seja: a questão da aprendizagem da língua inglesa não é nova, porém se faz necessário discuti-la mais profundamente, tendo em vista possíveis mudanças no ensino.

O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.

(FREIRE, 2004, p 112)

Com base nas palavras de Freire (2004), podemos afirmar que a mudança pode começar na sala de aula, embora Nóvoa (1992, p.16) tenha afirmado em seu estudo que

há um efeito de rigidez que, num certo sentido, torna os professores indisponíveis para a mudança. E é verdade que os profissionais do ensino são por vezes muito rígidos, manifestando uma grande dificuldade em abandonar certas práticas

Os professores participam de cursos de formação continuada e buscam aprimorar seus conhecimentos para melhorar suas práticas. Um dos motivos pela procura de cursos por parte dos professores de língua inglesa está relacionado à necessidade que têm de despertar no aluno o gosto pelo conhecimento da língua, simulando situações, comportamentos, trazendo novas reflexões para a sala de aulas, de modo a incentivar uma formação de qualidade.

Das respostas dos participantes, muitos apontam a necessidade de aprimorar seus conhecimentos de língua inglesa por meio de cursos de capacitação, inclusive para professores eventuais, aulas de conversação, já que o tempo é pouco para a prática, devido à quantidade de aulas.

As dificuldades dos professores eventuais de não participarem de OT (Orientação Técnica) (...) se tivesse orientações na escola sobre a língua inglesa seria ótimo, se houvesse seminário sobre língua inglesa seria ótimo. (Sujeito 21)

Curso de capacitação é muito necessário porque hoje a tecnologia esta muito avançada, então nós precisamos de bastante cursos de capacitação. E mais material para trabalhar com o aluno em sala de aula... Essas coisas assim. (...) Esse ano, acho que só teve um só, é só um, mas tem outros que tem mais. Já participei de alguns cursos. (Sujeito 14)

Segundo Perrenoud (2000, p 125):

A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC ou NTIC) transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar.

A formação continuada, por meio de cursos ou discussões com outros professores é muito importante para o docente, pois por meio dela poderá aprofundar o conhecimento.

Adquire-se saber através de um conjunto de ilustrações técnicas, através de leituras e discussões de ideias acerca da prática e da teoria do ensino, com reflexões sobre a prática vivida, mas também se aprende com o relato da experiência dos outros em situações de troca de saberes. (INFANTE;SILVA;ALARCÃO, 1996 P.157)

Além dos cursos de capacitação, o docente busca também as reuniões pedagógicas, pelo fato da troca de experiências, ideias. Conviver é fonte de saber contínuo.

3.1.1. As entrevistas

Com objetivo de aprofundar o foco da pesquisa, dei continuidade à pesquisa, entrevistando três professoras de inglês da Rede Pública da Baixada Santista. O objetivo era discutir um pouco as questões que havia desenvolvido nos capítulos iniciais do Relatório parcial da Dissertação, e aprofundar as questões trazidas pelos sujeitos que responderam o questionário. As entrevistas foram efetuadas com três professores em duas escolas públicas do estado, na Baixada Santista, uma na cidade de São Vicente e outra na cidade de Santos.

Uma das questões voltou-se para a discussão sobre a importância da língua inglesa para o mundo do trabalho, conforme disposto no artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. O objetivo da questão era

saber se os professores tinham conhecimento da legislação e se aproveitavam essa discussão em sala de aula. Um dos professores entrevistados revelou desconhecer a legislação e os demais assim responderam:

Eu relaciono as vezes o que eles poderiam fazer lá fora da escola com a língua inglesa por exemplo dando idéias de como eles podem fazer, como podem trabalhar e tal ... (E1)

Eu falo, por exemplo, eu falo assim independente eu ser a professora de inglês que está substituindo, eu falo para eles fazerem curso técnico, para eles terem um trabalho além do ensino médio, fazer tipo SENAI estas escolas que têm agora ETEC, além do Ensino Médio e antes de uma faculdade para terem uma profissão, é seguir em frente é conhecimento de mundo (E2).

Eu falo, às vezes, mas hoje em dia é difícil, porque os alunos, eles sinceramente, não estão nem aí, eles querem assim fazer a apostila e um faz e os outros copiam, alguns não escutam o que a gente fala, outros nem aí, alguns (os interessados) fazem curso de inglês, eu falo que é muito importante para trabalhar em navio é muito importante curso de inglês (E2)

Uma comparação com as respostas dadas pelos professores nos questionários mostra que os professores têm conhecimento de que essas questões estão presentes nas apostilas (Caderno do Professor e do Aluno), porém não são aprofundadas na prática docente.

Tenho conhecimento da proposta curricular, na proposta que hoje o Ensino Médio é para preparação para o trabalho, para o mundo, na proposta fala isso. (...) alguns não escutam o que a gente fala, outros nem aí, os interessados fazem curso de inglês, eu falo que é muito importante o curso de inglês para trabalhar em navio (Sujeito21)

Costumo trabalhar no Ensino Médio, eu acho que no Fundamental é muito cedo. No Ensino Médio até o caderno do aluno que veio agora para o Ensino Médio trata bastante sobre isso, sobre currículo, sobre como eles tem que apresentar na hora de uma entrevista para o trabalho, eu trabalho mais em cima do caderno do aluno. (...) com os alunos eu discuto dizendo que é muito importante quem tem a segunda língua consegue melhores empregos (...) (Sujeito 14)

As respostas denotam a mesma preocupação revelada nos dados obtidos com os questionários, ou seja, focam o desinteresse do aluno. Com base nessas respostas observa-se que não há clareza sobre o que os professores entendem por prática docente. Contreras (2002) aponta a autonomia do professor, sua decisão com seus alunos, o compromisso do grau de influência que ele passa para sua classe.

O professor ou professora tem que inevitavelmente se defrontar com sua própria decisão sobre a prática que realiza, porque ao ser ele ou ela quem pessoalmente se projeta em suas relações com alunos e alunas, tratando de gerar uma influência, deve decidir ou assumir o grau de identificação ou de compromisso com as práticas educativas que desenvolve, seus níveis de transformação da realidade que enfrenta, etc. esta consciência moral sobre seu trabalho traz emparelhada a autonomia como valor profissional (CONTRERAS, 2002, p. 78).

Essa decisão sobre a prática a que se refere Contreras (2002) envolve o compromisso do professor com a aprendizagem e o estímulo ao aluno. Nas respostas dos entrevistados, encontramos dados que revelam a reflexão dos professores sobre o que significa ser professor de inglês nos dias de hoje, com todas as dificuldades que enfrentam, e como fazem para transformar as práticas cristalizadas e envolver seus alunos. .

Bom, é estimulado com coisas que eles já vêm cotidianamente, tipo eu falei para eles que a gente tem inglês no nosso cotidiano, o tempo todo sem perceber, no centro da cidade, nas placas das avenidas daqui tem o segundo idioma, nos filmes e músicas que eles escutam sempre de fora, eles gostam mais do cinema e das músicas estrangeiras do que dos nacionais e assim vai.(E1)

No entanto, é recorrente a questão do desinteresse do aluno e da falta de motivação do professor.

A gente prepara uma aula, a gente chega e vai dar esta aula, você fica decepcionada, desanima logo... Como vou dizer?.. eles pegam um texto pra ler, eu me sinto como esse pessoal que vai pegar um panfleto todo mundo passa pra pegar..as vezes eu falo, gente pelo amor de Deus, eu não acredito, falta consideração comigo, eles não tão nem ai (E2).

A tarefa do professor em mostrar ao aluno a importância do idioma inglês, é grande, pois o jovem embora tenha conhecimento do inglês hoje, não tem muito discernimento sobre as profissões e o que cada uma delas exige no que diz respeito a saber um idioma, além da língua materna. Sob esse aspecto, a importância da escola e dos professores na qualificação dos seus alunos é fundamental, pois cabe aos docentes transmitir conhecimento e despertar no aluno o interesse pela língua inglesa, que está presente no mundo acadêmico, no profissional, na realidade circundante. Fundamentando-se nas ideias de Canário (2005 p 87), pode-se concluir pela importância de "(...)fazer da escola um sítio onde se desenvolva e estimule o gosto pelo ato intelectual de aprender (...)

3.2. Resultados da pesquisa

A pesquisa buscou conhecer como os sujeitos se viam como professores de língua inglesa hoje, visto que, ao lado de respostas como a importância da língua no mundo globalizado, encontrei afirmações voltadas para o desinteresse dos alunos com o inglês. Esta parece ser a tônica das respostas dos sujeitos, considerando que grande parte dos respondentes afirmou que ser professor de língua inglesa atualmente é um desafio que requer atitudes como inovar, mediar, fazer sacrifício, dedicar-se às aulas e ao estudo: "Mais que ensinar gramática ou

conversação é conscientizar o aluno da necessidade da Língua Inglesa falada em todo o mundo” (Sujeito n ° 19). Para o sujeito 06: “Ser professor de inglês hoje, significa inovar, preparar aulas que chamem a atenção do aluno e despertem o seu interesse”.

Uma análise sobre as ações indicadas pelos sujeitos (“inovar, mediar, fazer sacrifício, dedicar-se às aulas e ao estudo”) aponta questões voltadas para as práticas (“inovar, mediar, dedicar-se às aulas”), para a formação (“dedicar-se ao estudo”), mas também para aspectos profissionais e pessoais (“fazer sacrifício”).

Em relação às práticas dos professores, os dados revelam que eles consideram suas práticas como sendo dinâmicas, atuais e inovadoras. Dentro desse quadro, usam os recursos disponíveis na escola, e muitos utilizam como suporte as apostilas fornecidas pelo Governo. Buscam envolver os alunos com atividades lúdicas, para aumentar as práticas de produção oral, e selecionam temas da atualidade. Perguntados sobre sua relação com os alunos, responderam que trabalham a autoestima do aluno.

A educação envolve aspectos complexos e, no caso da língua inglesa, as questões se duplicam pelo fato de ser uma segunda língua, que é falada em determinadas ocasiões. Será suficiente, para o aprendizado da língua, o conhecimento do aluno em seu contexto de trabalho? E como incluir esse conhecimento, considerando o excessivo número de alunos em sala de aula, em torno de 40 alunos e o número de aulas de inglês nos currículos escolares?

Outros fatores também dificultam o aprendizado da língua inglesa, de acordo com os dados da pesquisa, entre eles: o custo do material didático, a dificuldade para praticar a língua todos os dias; a dificuldade dos alunos quanto

ao vocabulário e o significado das palavras em contextos diferenciados; as dificuldades gramaticais, entre outras.

Perguntados sobre as dificuldades encontradas nas práticas de língua inglesa nas escolas públicas, os participantes citaram: falta de recursos (como aparelho de som), material didático, indisciplina dos alunos, hábito de estudar e interesse dos alunos e o tempo de aulas.

Entre as dificuldades apontadas pelos sujeitos em relação às práticas, temos:

- a) pouco tempo para ministração das aulas
- b) falta de recursos, como livro didático, xerox;
- c) número grande de alunos em sala de aula (mais de 40 alunos);
- d) desinteresse dos alunos porque a disciplina é considerada com pouco peso para reprovação
- e) falta de educação dos alunos:
- f) não há hábito de estudar entre os alunos.
- g) os alunos desconhecem que a Língua Inglesa é essencial hoje.
- h) o sistema de apostila do Governo é muito complicado para os alunos.

Observou-se que a maioria dos sujeitos centrou as dificuldades nos alunos e em dificuldades externas, como a falta de material.

Há entre os alunos, alguns que não querem aprender. (...)
No final do ano jogam toda a matéria dada fora (Sujeito 05)

O material didático foi questionado na pesquisa e, para alguns professores, não é suficiente, além de ser difícil para o aluno, pois é escrito em inglês. Os professores alegaram que faltam computadores e recursos para ouvir músicas, ferramentas que, de acordo com os entrevistados, são fundamentais para a aprendizagem da língua estrangeira, posto que tornam mais lúdicas e variadas as aulas, trazendo o mundo da língua inglesa para o cotidiano do aluno.

Falta material didático (computador, internet, etc) (Sujeito 06)

Falta de material de apoio, vídeo, cd player (Sujeito 21)

Essa mesma questão foi respondida por uma entrevistada que afirmou existir na escola uma sala com computadores, mas os alunos não podem usá-los devido a não haver pessoas para manutenção das máquinas.

Mas a falta de equipamento audiovisual seria o grande problema para as dificuldades dos professores no ensino da língua inglesa? Na concepção de Paiva (1997, p. 10), trata-se de um mito que “ignora tanto o sucesso dos aprendizes que estudaram o idioma antes do advento dos equipamentos quanto a possibilidade de se montar um bom curso com criatividade e poucos recursos”. Apesar de hoje o jovem estar acostumado aos meios digitais, tais como computador, a interação em aula é imprescindível, pois proporciona aos menos interessados a participação. .

Outro fator dificultador da aprendizagem é, de acordo com os sujeitos, o número de alunos por sala, tornando assim, difícil o estudo de uma língua estrangeira.

Falta material, falta interesse dos alunos (Sujeito 10)

Falta de estrutura das escolas públicas (Sujeito 13)
(...) Uma sala muito grande, muito numerosa fica difícil ter um controle sobre ela, tanto que em dias que vem menos alunos a aula flui melhor (...) (Sujeito 20)

(...) Muita dificuldade em conversação, porque as salas são muito cheias, disciplina também são bastante indisciplinados (...)(Sujeito 14)

Freire (2007, p. 79), ao definir a importância da interação com o outro, lembra que “mudar é difícil, mas é possível”. No caso do professor de inglês que ministra aula no ensino médio, este se depara muitas vezes com a resistência dos alunos, que muitos consideram o inglês é “chato e difícil”. Conhecer melhor esse aluno em seu contexto e fazê-lo refletir sobre as dificuldades no estudo da língua inglesa, incentivando seu potencial para o conhecimento do inglês podem ser ações fundamentais para o desenvolvimento da língua. A aprendizagem da língua inglesa, conforme nos lembra Ortiz (2006), ocorre quando o estudante se conscientiza das vantagens na utilização do idioma, ou seja, é um processo que se desenha inicialmente no interior para depois concretizar-se no exterior.

A resposta de um dos sujeitos da pesquisa mostra a preocupação com as questões sociais, que também estão presentes no cotidiano do professor.

As maiores dificuldades não são em relação às práticas, e sim como vencer as barreiras dos variados problemas sociais inseridos na sala de aula. (Sujeito 2)

Um aspecto apontado por um dos pesquisados mostra os perfis diferenciados dos alunos, sendo que as respostas incidem no comportamento inadequado dos alunos em sala de aula.

(...) os estudantes trazem para a sala de aula sua vivência e tentam exercer seu direito de livre expressão, a todo momento não importando expressar o que e de forma. Se, por um lado, esse perfil de estudante motiva alguns professores, por outro, pode ter como consequência, algumas vezes, a falta de limites dos(as) alunos(as): muitos(as) não respeitam os direitos e diferenças dos outros personagens do ambiente escolar, onde incluímos o(a) professor(a). (NACARATO, VARANI, CARVALHO in PEREIRA, 1998, p. 81)

Trabalhar com classes numerosas, com a falta de material somado ao desinteresse dos alunos, faz com que o professor de língua inglesa busque metodologias que incluam o lúdico, como afirma o sujeito:

Tentando que o aluno tome gosto da língua inglesa, através de músicas, jornais, internet. (sujeito 11)

Com relação às dificuldades que os alunos encontram na aprendizagem da língua inglesa, foram apontados: a falta de interesse dos alunos, classes numerosas, falta de planejamento e sequência didática, falta material (demora da entrega), infraestrutura da escola e número reduzido de aulas semanais para o idioma. De modo geral, a maioria dos pesquisados repetiu respostas dadas anteriormente, com ressalva de alguns que buscaram compreender a questão proposta, e centraram a resposta nos problemas sociais e também pelo fato de os alunos não acreditarem em seu potencial. A referência ao currículo e à organização dos conteúdos também foi lembrada pelos pesquisados.

Para mim a aprendizagem pode fluir muito mais, desde que não haja os problemas sociais, que com certeza, atrapalham, e muito, na aprendizagem. O aluno quando está bem, vence qualquer dificuldade. (Sujeito 02)

Muitos não acreditam em seu próprio potencial, acham que não são capazes ou não tiveram base, mas aos poucos vão ganhando confiança e percebendo suas habilidades. (Sujeito 07)

Além da dificuldade de assimilação, não há esforço individual dos alunos na sequência da aprendizagem com as competências e habilidades. (Sujeito 12)

Falta de planejamento e sequência de aprendizagem ao longo das séries. (Sujeito 13)

Alguns professores, no entanto, fizeram referência à necessidade de estar em contato frequente com o idioma, seja praticando conversação, seja realizando cursos. Consideram que o cotidiano escolar pode ser uma ameaça às práticas dos professores de língua que se envolvem com um número grande de aulas e não têm tempo para aprimorar-se no idioma: “Por falta de conversação acabo perdendo a prática na pronúncia e na gramática” (Sujeito 04). “Conversação, pois não pratico” (Sujeito 08).

Os dados da pesquisa nos remetem ao estudo de Nacarato et alli, ao afirmar que:

Do(a) professor(a) tem sido exigida a responsabilidade de ser um alquimista- transformar metais comuns (ambiente inadequado, classes numerosas e estudantes desinteressados) em ouro (motivação para aprender, prazer diante do conhecimento, construção da cidadania, estudantes com espírito investigativo e criativo). (NACARATO,VARANI, CARVALHO in PEREIRA, 1998, p. 83)

Para os participantes da pesquisa, a busca pelo conhecimento e a atualização das metodologias constituem fatores positivos da profissão. No entanto, a referência à falta de interesse dos alunos, além da falta de material extra e do apoio da escola mostrou que muitos se consideram de “mãos atadas sem chance de se soltar” (Sujeito 16).

Para os professores a interação com o grupo é fundamental, visto que cria mais interesse entre os alunos. O sujeito 10 “Preparo minhas aulas e faço algumas mudanças dependendo das turmas. Procuo desenvolver atividades que aumentem a produção oral dos alunos”

De acordo com Tardif,

(...) A prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra.

(TARDIF, 2008 p.53)

Em face do exposto acima na citação de Tardif, o conhecimento com relação à realidade é imprescindível, para isso a prática oral deveria ser mais promovida no ensino da língua inglesa, para que aluno ao final do curso possa ter mais desenvoltura no idioma. Mas as respostas dos sujeitos mostram a dificuldade dos professores em desenvolver atividades voltadas para a prática oral, e alegam o desinteresse dos alunos e as classes numerosas, em torno de 40 alunos.

Há falhas. O ensino de língua deveria promover a prática oral, mas em classes numerosas não conseguimos. Procuo fazer o melhor possível dentro de cada realidade. (Sujeito 07)

Quanto à questão sobre a prática oral da língua inglesa, a pesquisa apontou um fator preocupante, tendo em vista que a maioria dos professores não inclui essa prática em suas aulas. Nas “Orientações Curriculares para o Ensino Médio- Linguagens, Códigos e suas tecnologias” volume 01, a Proposta sugere o

desenvolvimento de habilidades em língua estrangeira no Ensino Médio, o que inclui Leitura, Comunicação Oral e Prática escrita.

(...) eu peço para eles pronunciarem e falarem algumas coisas não frases muito longas nem conversas nem nada, mas alguns exemplos de algumas explicações eu peço para eles responderem oralmente do que fazer escrever toda hora (Sujeito 20)

(...) bem no meu caso é pouca a oral (Sujeito 21)

(..) a leitura sim, mas a comunicação oral e a prática escrita que é a mais trabalhada, a oral porque as classes são cheias, 40 alunos na sala e na maioria das vezes a metade quer ou menos da metade quer aprender a outra metade não quer, então a prática oral é muito difícil em sala de aula. (Sujeito 14)

(...) Muita dificuldade em conversação eles têm porque as salas são muito cheias, disciplina também são bastante indisciplinados não tem muitos funcionários na escola, falta inspetor, então é difícil, muito difícil. Escola do Estado para eles aprenderem inglês principalmente parte de conversação é bem difícil. (...) E chega em sala de aula também a desmotivação deles, porque os pais não cobram, e aquela só meia dúzia quer aprender, outros não querem, então quando gente está ensinando a oral os outros dão risadas porque estão aprendendo a falar mas ainda não sabem falar direito e aqueles que não querem aprender atrapalham muito, então é complicado (Sujeito 14)

(...) uma sala muito grande, muito numerosa fica difícil ter um controle sobre ela, tanto que em dias que vem menos alunos a aula flui muito melhor do que quando está todo mundo, são em média 40 alunos, tem sala que tem 45 (...) fica difícil dar aula para todos eles porque aí os que não gostam não deixam os que gostam aprender, aí fica difícil o controle de uma sala muito numerosa. (Sujeito 20)

A produção oral fica difícil de ser praticada, de acordo com os sujeitos, visto que os alunos têm dificuldades de entender o que está escrito em inglês na apostila, e desenvolver a prática oral. Sob esse aspecto, Paiva (1997) alerta para o perigo de um ensino de língua centrado unicamente na gramática ou na leitura.

(...) Em vez de se estabelecerem objetivos básicos para a formação do indivíduo de capacitar o aprendiz a utilizar a língua para tarefas orais e escritas simples, tais como preencher formulários, cupons, subscrever envelopes, cumprimentar, apresentar-se, etc, que seriam perfeitamente possíveis dentro da escola secundária, pretende-se ensinar apenas gramática ou a leitura, transformando a aula de inglês em uma tarefa inútil e desestimulante. (PAIVA,1997, p.12)

As respostas dos participantes sobre a prática docente apontam as percepções dos sujeitos sobre o tema e refletem sua preocupação com a utilização de recursos pedagógicos.

Utilizo de aulas lúdicas, procuro ter o acompanhamento do responsável. (Sujeito 04)

Eu uso o *material didático disponível na escola* (que é mandado pelo governo estadual) e não acho suficiente, pois deixa a desejar na parte de gramática, que complemento com exercícios extras e material xerocado (Sujeito 09)

A minha prática pedagógica é boa; é construtivista; eu oriento o aluno e monitoro sua aprendizagem levando-o a descobrir a solução dos fatos (tradução, exercícios, produção e interpretação de texto); quando eles conseguem efetuar a atividade ficam felizes e dessa forma provo para eles que o inglês não é tão difícil quanto eles pensam; é necessário dedicação, pesquisa e persistência; afinal a língua inglesa é muito gostosa. (Sujeito 17)

Os professores acreditam que é importante incluir o lúdico na aprendizagem por meio de músicas, filmes e informática, mas a pesquisa apontou as dificuldades dos professores em usar equipamentos necessários a uma aula de idioma, por exemplo, cd player ou mesmo computador. Nas escolas não há computadores suficientes para abranger a quantidade de alunos em sala de aula, por volta de 40 alunos, ou por falta de pessoal para manutenção, não podendo, portanto usar o computador.

Eles pedem muito para vir para sala do computador. (...) Eu já levei uma turma, eles levaram a apostila, traduziram no Google tradutor, eles fizeram tudo, amaram. Só que tem só sete computadores, três ou quatro funcionando, a turma tem 35 e poucos, 45, e aí veja só a dificuldade, fica a metade na sala de aula, a metade na sala de computação (...) (Sujeito 21)

A sala de informática tem, só que os alunos não podem usar. Tem sala de informática, tem vários computadores, mas entra uma direção e vem outra e os alunos nunca podem usar, só na casa deles quem tem computador pode usar porque na escola não pode. A direção disse que não tem gente, eles mandaram os computadores mas não tem gente pra fazer a manutenção, então por isso não mandaram pessoal pra fazer manutenção, nunca vem ninguém pra fazer a manutenção nos computadores, então ela não deixa que os alunos usem. (Sujeito 14)

Na apostila do governo, consta uma relação de músicas, filmes e sites que podem ser trabalhados com o aluno, assim motivando os mesmos para o idioma. Essa questão foi abordada na entrevista com os professores, que confirmaram o desinteresse dos alunos, quando o professor solicita ao aluno a pesquisa. Para o sujeito 20 “(...) não tem muito haver com a realidade deles (...)”

Eu já usei música, pesquisa, só que não com os links e sites que estão na apostila de inglês, eu uso os meus próprios, que eu pego até da faculdade mesmo. (...) Esses sites da apostila acho que não tem muito haver com a realidade deles, essas apostilas são utópicas, primeiro elas estão totalmente em inglês, supondo que os alunos teriam que saber para traduzir tudo aquilo e depois tem alguns links e coisas que eles não estão acostumados a fazer aqui (...) então eu pego coisas que estão mais próximas deles, da realidade.

(Sujeito 20)

(...) Tem música, tem site, cada apostila vem aquele filme, vontade eu tenho de passar, mas cadê? Os recursos não têm, não têm (...) (Sujeito 21)

Eu sigo as sugestões, eu indico para eles e peço para que quando eles cheguem em casa procurem no computador, a maioria hoje tem computador em casa, mas eles não seguem muito as orientações, não. Na escola do Estado a família não se compromete muito com o ensino do aluno, do filho, sabe. Então isso que torna mais difícil pra gente. (Sujeito 14)

A resposta do sujeito 14 mostra uma realidade diferente da referida por outros respondentes. Para este professor, os alunos têm computador em casa, mas não seguem a orientação em relação às atividades propostas. Onde estaria, neste caso a maior dificuldade? Alguns dentre os respondentes fazem referência a uma aula inovadora, mas que isso significa? O mesmo se pode dizer em relação ao conceito de mediação, referido pelos sujeitos. O necessário diálogo com os alunos exige também qualificação e desafio por parte do professor para trabalhar com classes numerosas, com o desinteresse dos alunos e com a reduzida carga horária, de duas aulas de língua inglesa por semana, tendo cada uma delas 50 minutos.

3.2.1. Ser professor de inglês em tempos de globalização

Nas respostas com os 21 professores da rede pública, 07 citaram a importância da língua no mundo globalizado de hoje, e 03 professores apenas fizeram referência ao desinteresse dos alunos com o inglês. Para os demais, ser professor é um desafio, que envolve inovação e mediação nas práticas, porém requer do profissional sacrifício e dedicação ao estudo.

Para Enguita (2004, p 37) a qualificação não requer nível absoluto de informação ou de conhecimento mas sim conhecimentos maiores que os demais e/ ou diferentes.

Mais que ensinar gramática ou conversação é conscientizar o aluno da necessidade da Língua Inglesa falada em todo o mundo (Sujeito 19)

Ser professor de inglês hoje, significa inovar, preparar aulas que chamem a atenção do aluno e desperte o interesse do aluno (sujeito 06).

Os sujeitos responderam positivamente, ao serem perguntados como se viam como professores de língua inglesa, e fizeram referência à melhoria de suas práticas, revelando uma leitura crítica em relação ao seu trabalho.

Vejo-me como alguém responsável na transmissão de muitas mensagens, e através da língua inglesa tentar mostrar o mundo. (Sujeito 02)

Sou o melhor possível e procuro me reciclar para o meu melhoramento e do meu aluno. (Sujeito 04)

Eu me vejo como uma professora dedicada e devota, sempre tentando ensinar na melhor maneira para meus alunos (Sujeito 15)

Tento estimulá-los passando a minha experiência e gosto pela língua e preocupo-me com meu desenvolvimento profissional. (Sujeito 10)

As falas dos sujeitos denotam uma compreensão do que significa ser professor de inglês nos tempos atuais, em que o professor necessita ser um bom profissional, mas também não pode abandonar os estudos. Os participantes também apontaram a importância de o aluno estar aberto à aprendizagem e à interação com o professor e com o grupo. Sob esse aspecto, sugeriram que a pedagogia poderá ser de grande ajuda para a aprendizagem da língua estrangeira, principalmente para aqueles alunos que não possuem um bom nível sociocultural e podem, assim, desenvolver um domínio mais seguro do idioma na escola. Para os professores pesquisados, a interação com o grupo é fundamental, porque desperta interesse entre os alunos.

De acordo com Pimenta (1999, p. 19), “é na leitura crítica da profissão diante das realidades sociais que se buscam os referenciais para modificá-la”. Para a pesquisadora, a profissão docente está na prática social, e o profissional necessita de um olhar que abranja cada aluno, como ser social, que precisa ser moldado em seus saberes, por meio de teorias e práticas, voltadas a realidade.

Cabe ao professor, portanto, observar seus alunos, de modo a acompanhá-los em suas dificuldades. Ao conhecer melhor seu aluno e trabalhar as potencialidades humanas de cada um, poderá avaliar melhor a aprendizagem e os diferentes processos que levam ao conhecimento da língua estrangeira. A questão, no entanto, é se os profissionais estão preparados para tal.

Segundo Freire (1997), educador e educando são sujeitos do processo e cabe ao primeiro saber diferenciar comportamentos de cada um dos alunos, buscar as diferenças para trabalhá-las no grupo.

Segundo Martins (2001, p.11-12), o estudante tem que estar preparado para realizar uma tarefa, mas a competência para essa realização não é adquirida somente com a quantificação dos conhecimentos específicos adquiridos. Também o fator emocional é de extrema relevância no processo de aprendizagem da língua estrangeira, podendo explicar o bloqueio mental e as tensões dos alunos que se sentem postos à prova, quando chamados à participação coletiva.

Muitos não acreditam em seu próprio potencial, acham que não são capazes ou não tiveram base, mas aos poucos vão ganhando confiança e percebendo suas habilidades. (Sujeito 07)

Falta de pré-requisitos, os alunos têm medo de produções orais. (Sujeito 10)

Estando aberto à aprendizagem, à interação com o professor e com o grupo, o estudante poderá inteirar-se da melhor forma de utilizar no cotidiano o que foi aprendido em aula, praticando sem medo uma conversação numa ligação internacional, escrevendo cartas ou e-mails, ou ainda consultando sites na internet.

Tardif e Lessard (2009) fazem referência ao tratamento dos professores em relação aos alunos.

(...) Esse dilema é a consequência permanente e inevitável de um trabalho dirigido a uma coletividade, mas que para ser eficaz, deve dizer respeito aos indivíduos e considerar suas diferenças para fazê-los. A fala do professor aos alunos de outras culturas, os alunos de contextos desfavorecidos, os alunos lentos ou em dificuldades, reflete esse dilema crucial: como conciliar o ensino a um grupo com as diferenças dos indivíduos que o compõem? Não existe solução lógica ou natural a esse dilema, mas que todo professor resolve à sua maneira concretamente, optando por algumas práticas pedagógicas que favorecem um ou outro dos termos presentes. (TARDIF, LESSARD, 2009, p 161)

A questão das diferenças, a que se referem Tardif e Lessard (2009), é preocupante em todos os níveis de ensino, especialmente, em classes de Ensino Fundamental ou Médio. Como orientar os alunos com diferentes níveis de conhecimento sobre a língua inglesa, em classes noturnas, com inúmeros estudantes que trabalharam durante o dia inteiro e que vêm buscar formação? Como desenvolver o conteúdo, de forma a atingir todos os níveis numa classe? A resposta parece estar na prática docente, na forma como ensinamos os alunos, agindo por meio do diálogo e do lúdico. Conforme nos lembra Tardif,

(...) Ensinar é agir com outros seres humanos; é saber agir com outros seres humanos que sabem que lhes ensino; é saber que ensino a outros seres humanos que sabem que sou um professor, etc. Daí decorre todo um jogo sutil de conhecimentos, de

reconhecimentos e de papéis recíprocos, modificados por expectativas e perspectivas negociadas. Portanto, o saber não é uma substância ou um conteúdo fechado em si mesmo; ele se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos. Por conseguinte, é preciso inscrever no próprio cerne do saber dos professores a relação com o outro, e, principalmente, com esse outro coletivo representado por uma turma de alunos

(TARDIF, 2008, P 13)

No entanto, as respostas obtidas com os sujeitos da pesquisa vão apontar questões complexas que envolvem professores, alunos e metodologia de ensino, mas também problemas institucionais. Para Tardif (2008),

O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem, geralmente, um caráter de urgência. Essas interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc. Elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas. (TARDIF, 2008 p 50)

Neste aspecto, Tardif faz referência à docência como uma rede de pessoas, onde o aluno, por meio do professor assimila o conteúdo.

O sujeito está o tempo inteiro diante de si mesmo. Procurando-se fora, quando o que mais busca se encontra dentro de si. (...) O ser humano é, radicalmente, autoconstrução. É o único que tem o poder de fazer-se no mundo e, ao mesmo tempo, fazer seu mundo. (GHEDIN; FRANCO, 2008, p 153)

Nas palavras de Ghedin e Franco, a autoconstrução é fundamental, o que significa o cuidado do professor ao ensinar de modo a desenvolver no aluno todo o seu potencial, observando nesse processo as individualidades e dando a cada um seu tempo próprio de aprendizado, sabendo que existe o tempo interno e o tempo oferecido dentro de um determinado currículo. O professor revendo suas práticas em um permanente momento dialético transforma as dificuldades propondo alternativas de aprendizado. O conhecimento pressupõe a existência de diálogo entre professor-aluno, pois sem essa troca haveria apenas um discurso vazio, sem aprendizagem. E quando falamos de conhecimento, incluímos também o conhecimento dos processos de aprendizado individualmente.

A questão é que ninguém trabalha sozinho. Perguntados sobre a existência de reuniões ou de grupos na escola que discutam os problemas da prática docente, os sujeitos referiram-se à troca de experiência entre os professores para discutir dificuldades vivenciadas em sala de aula, e equiparar os conteúdos da disciplina em suas respectivas classes. .

Eu e as professoras de inglês que damos aula de manhã a gente conversa entre nós sobre os conteúdos passados, para ficar um pouco mais próximos de cada um assim, cada um dá em série diferente mas pra ficar mais próximo a gente usa uma que meio coletiva (Sujeito 20)

(...) a gente comenta sempre, estamos falando das dificuldades que nós sentimos, principalmente nós que somos professores eventuais que estamos substituindo, que é uma responsabilidade grande. (Sujeito 21)

A troca dos saberes experienciais, já comentados por Tardif (2008) e Pimenta (1999), pode ser significativa para a mudança das práticas.

Cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos “macetes”, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula, etc. Além disso, eles também trocam informações sobre os alunos: Em suma, eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação. (Tardif, 2008 p. 53)

Conforme as palavras de Tardif, a interação com outros professores, a prática, faz com que o docente possa aprender um com o outro, com a troca de informações .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As demandas da sociedade e a realidade escolar mostram situações diferenciadas quanto ao conhecimento da língua inglesa. De um lado, temos as mudanças, decorrentes da globalização e dos movimentos políticos e econômicos no mundo, e aqui insere-se a demanda das empresas por profissionais que conheçam profundamente a língua inglesa.

No caso da Baixada Santista, universo desta pesquisa, a demanda por profissionais qualificados tem-se intensificado, em virtude da descoberta do Pré-Sal, do aumento dos cruzeiros marítimos, e das demandas do porto e das empresas multinacionais que aqui se instalaram. Isso envolve o conhecimento da língua inglesa, que se torna fundamental para o profissional que atua nessa área.

A realidade escolar, no entanto, mostra o outro lado da moeda, se considerarmos as condições precárias de muitas instituições, a falta de infraestrutura, o currículo compacto, entre outros. Com sua complexidade, a escola se deixa envolver pelas dificuldades cotidianas, e busca cumprir os objetivos de sua proposta político pedagógica. O aprendizado significa produto final e, no percurso dinâmico do ensinar e do aprender, professores e alunos parecem figuras apartadas.

Este trabalho teve como objetivo trazer reflexões sobre as práticas pedagógicas dos professores de inglês na rede de ensino pública. Na pesquisa realizada com os professores, por meio de questionários e de entrevistas, os indicadores mostraram aspectos significativos em relação às dificuldades de aprendizagem dos alunos, entre eles, as classes numerosas, o desinteresse dos alunos e a falta de material didático para aulas. Este aspecto leva os professores

a improvisar e a buscar práticas diferenciadas que motivem o aluno para a aprendizagem e para o aprofundamento da língua inglesa. Isso justifica, em parte, que alunos que já deixaram a escola retornem às aulas de língua inglesa em cursos livres, agora motivados por um interesse maior: aprender para melhor sua condição de vida e de ampliar seus conhecimentos.

Trazer a realidade para os alunos em sala de aula, por meio do lúdico, mostrar de forma agradável e útil o contexto da gramática já estudada, na prática e não apenas nos exercícios, que tornam o estudo da língua inglesa cansativo. O aluno, ao retomar o estudo do inglês busca o conhecimento do idioma, que ele não aprendeu durante o tempo em que esteve na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, inclui a língua inglesa na formação e a apostila referente à disciplina traz situações para a discussão sobre a importância da língua inglesa. Ou seja, existe a determinação na legislação e os conteúdos no material didático. Contudo, a pesquisa deixa entrever as dificuldades dos professores para ministrar as aulas de língua inglesa, seja devido ao número excessivo de alunos por classe, seja pelo desinteresse que mostram para a aprendizagem de acordo com os dados obtidos.

Desta forma entendemos que se a matéria faz parte da grade do Ensino Médio as adequações se fazem urgentes e necessárias dentre elas sugerimos a diminuição do número de alunos por classe em aulas de idiomas, solução que possibilitaria ao professor praticar a pronúncia e a conversação e a interação com o aluno de forma individualizada, trabalhando a inibição do aluno e outros fatores dificultadores ao processo de aprendizado. Esse contato mais próximo, com o desenvolvimento de dinâmicas e até a preparação de uma entrevista de emprego ou mesmo a discussão sobre o que foi pesquisado na internet, nos sites citados

na apostila, são aspectos que poderiam ser incluídos na prática das aulas de inglês.

A Língua Inglesa deixou de ser apenas atividade para ser disciplina, e deve ser tratada como tal, desconstruindo o paradigma de que o aprendizado do inglês apenas ocorre em cursos livres, mas para isso as políticas públicas devem estar atentas para a necessidade de as escolas tenham ferramentas necessárias ao professor e aos alunos. Assim também a oferta de cursos que capacitem os professores, e a inclusão de maior carga horária para a prática da conversação, com formação de pequenos grupos, são alguns itens a serem melhorados nas escolas públicas. As mudanças são físicas no que concerne à adequações das salas de aula e laboratórios e estruturantes do ponto de vista da capacitação continuada dos atores envolvidos no processo de ensino da língua inglesa.

Com o mundo globalizado, ao término do Ensino Médio, o aluno irá se deparar com a pergunta “Como está o seu inglês?”. A língua ganhou peso, e cabe a escola incentivar seus alunos para a compreensão do inglês, não como opção, e, sim, como passaporte para o mercado de trabalho, que está competitivo.

A pesquisa mostrou que a realidade do ensino da língua inglesa é preocupante, considerando que a maioria dos entrevistados fez referência a um cotidiano difícil, no qual ensinar inglês transformou-se um desafio constante. Mesmo assim, muitos se revelam otimistas na busca do conhecimento, conforme expressou uma das participantes da pesquisa, ao ser perguntada sobre como se via como professora de língua inglesa: “Buscando desenvolver um trabalho o melhor possível, uma vez que estou em constante aprendizado, para garantir um trabalho de qualidade aos meus alunos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRE, Marli. A Pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (Org) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo, Cortez, 2008.

ARRIADA, Eduardo; FARIAS, Letícia Stander. *O thou, that with surpassing glory crown'd: Ensinando inglês aos estudantes Brasileiros*. In: *História da Educação/ ASPHE (Associação Sul-Grandense de Pesquisadores em história da Educação) FaE/UFPel. n.26 (Set/Dez 2008)-Pelotas:ASPHE-Quadrimestral*

BRASIL, Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira- São Paulo: SEE, 2010

BRASIL, Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras :Disponível em < Portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf> Acesso em: 06 fev. 2011.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Médio, 2000: Disponível em< Portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf> Acesso em 28.jun.2011 as 00h28

BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica- Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2006 Portal.mec.gov.br/arquivos/pdf> Acesso em 25 de outubro 2011.

CANÁRIO, Rui. *O que é a Escola? Um "olhar" sociológico*. Porto- Portugal: Porto Editora, 2005.

CONTRERAS, José. *A autonomia de Professores*. São Paulo: Cortez, 2002

CORRÊA, Nilva V.B. *Ensino Médio das escolas públicas e o mundo do trabalho. Análise através da identificação dos aprovados em concurso do Banco Nossa Caixa S/A*, 2004, 136 p – Mestrado em Educação, Universidade Católica de Santos, Santos

CRUZ, Daniel Adelino Costa O da. *A Língua Inglesa em situação de trabalho: inclusão ou exclusão social? Uma abordagem discursiva da disciplina inglês do projeto de educação à distância Telecurso 2000*, 2003, 197 p, Mestrado em Língua inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP)

CURY, A.J. *Treinando a Emoção para ser feliz*. 39 ed. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2001.

EMÍLIO, Rejane Maria. *Ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental: aproximação às representações sociais de professores sobre o componente curricular*, 2008, 173 p, Mestrado em Educação Universidade Católica de Santos (UNISANTOS)

ENGUIITA, Mariano Fernández. *Educar em tempos incertos*. Porto Alegre: Artmed, 2004

FERNÁNDEZ, I.Gretel M.Eres. *As transformações no mundo do trabalho e as implicações para a formação de professores de línguas*. In: GIL, Gloria; VIEIRA Abrahao, Maria Helena, Campinas, SP:Pontes Editores, 2008

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 24 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

INFANTE, Maria José; SILVA, Maria Susana; ALARCÃO, Isabel. Descrição e análise interpretativa de episódios de ensino: os casos como estratégia de supervisão reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel. *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Pesquisa Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2008

MARTINS, Joel. A Pesquisa Qualitativa. In: FAZENDA, Ivani (Org). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, L.C. *Capital Emocional*. São Paulo: Suma Econômica, 2001.

MITTER, Wolfgang; *A Educação no Processo de Globalização: Algumas considerações sobre um debate atual e controverso*. Em Aberto, Brasília, v 19, julho 2002 .

MOACYR, Primitivo. *O thou, that with surpassing glory crown'd: Ensinando inglês aos estudantes Brasileiros* .In: ARRIADA, Eduardo; FARIAS, Leticia Stander. História da Educação/ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em história da Educação) FaE/UFPel. n. 26 (Set/Dez 2008)- Pelotas: ASPHE-Quadrimestral.

MORIN, Edgar; *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena T.A. *O Processo de Pesquisa Iniciação 2*. Brasília: Líber Livro, 2006.

NACARATO, Odair Mendes; VARANI, Adriana; CARVALHO, Valéria de. O Cotidiano do Trabalho Docente: Palco, Bastidores e Trabalho Invisível...Abrindo as Cortinas. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Mnteiro de A. (Orgs). *Cartografias do Trabalho Docente- professor(a)- Pesquisador(a)*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil-ALB, 1998

NÓVOA, António (Org), *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1992.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

PAIVA, V.L.M.O. *ALDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professores de língua inglesa*. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p 53-84; (disponível em www.veramenezes.com) acesso em: 01/11/2011.

PAIVA, V.L.M.O. *A identidade do professor de inglês*. APLIEMGE: ensino e pesquisa. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. p.9-17; (disponível em: www.veramenezes.com) acesso em: 12/12/2011.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido (Org). *Saberes pedagógicos e atividades docentes*. São Paulo: Cortez, 1999.

RATTNER, Henrique; *Globalização- em direção a “um mundo só?”*. Em Aberto, Brasília, n.65, jan/mar.1995

SACRISTÁN, J.Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NOVOA, Antonio (Org) *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1992.

SACRISTÁN, J.Gimeno. *Educar e Conviver na Cultura Global: As exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. *A Entrevista na Pesquisa em Educação- a prática reflexiva 4*. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TEDESCO, Juan Carlos. *Educar na sociedade do conhecimento*. Araraquara, SP; Junqueira&Marin, 2006.

ANEXO 1 - FORMULÁRIO DO QUESTIONÁRIO – PESQUISA EXPLORATÓRIAQUESTIONÁRIO

Sou aluna de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), e venho solicitar sua gentileza no preenchimento do presente Instrumento de Pesquisa, o qual será aplicado para o levantamento de dados, com vistas ao desenvolvimento da pesquisa sobre o ensino da Língua Inglesa.

Atenciosamente,
Salete Dubra Paes

QUESTIONÁRIO Nº. _____ (a ser preenchido pela pesquisadora)

I – DADOS PESSOAIS:

1) Sexo: Masculino () Feminino ()

2) Faixa Etária: a) 20 – 30 ()
b) 30 – 40 ()
c) 40 – 50 ()
d) Mais de 50 ()

II – FORMAÇÃO:

3) Qual a sua formação :

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior. Especifique o Curso _____

Instituição: _____

Ano em que se formou: _____

4) Já fez curso de inglês, anterior a este ?

() Sim () Não

5) Em caso afirmativo, até que nível que você estudou ?

() Básico

() Intermediário

() Avançado

06) Há quanto tempo você dedica ao estudo de Inglês

07) Quais as maiores dificuldades que você encontra no estudo da língua inglesa?

08) Quais seriam os incentivos que este curso oferece para a aprendizagem da língua estrangeira (inglês)? Enumere de acordo com o grau de importância:

() Material Didático Grátis

() Bolsa de Estudo

() Maior tempo livre para os estudos

() Horário Flexível

() Outro. Especificar: _____

09) Quais as técnicas de ensino que ajudam no seu aprendizado da Língua Inglesa?

10) O curso que você está realizando é oferecido pelo/a ?

() Sindicato

() Fundação

() Empresa

() Outro. Especificar: _____

11) Qual horário das aulas ?

() Horário do Almoço

() Após expediente de Trabalho

III – ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

12) Trabalha ? () Sim () não

Em caso positivo qual a sua função ? _____

13) Qual período ?

() Horário Comercial

() Horários em forma de Turnos

() Horário Noturno

14) Qual motivo que o levou a procurar o curso de inglês?

() Qualificação para o mercado de trabalho

() Na sua função necessita do inglês

() Outra. Especificar: _____

15) Este curso tem ajudado ou ajudou na sua vida profissional ?

() Sim () Não

Em caso positivo por quê ?

16. Gostaria de acrescentar alguma observação em relação ao curso de inglês que está realizando

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS

QUESTIONÁRIO

Sou aluna de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), e venho solicitar a sua gentileza para o preenchimento do presente Instrumento de Pesquisa, que será aplicado para o levantamento de dados, com vistas ao desenvolvimento da pesquisa sobre as práticas de professores de Língua Inglesa.

Atenciosamente,
Salette Dubra Paes

QUESTIONÁRIO Nº. _____ (a ser preenchido pela pesquisadora)

I – DADOS PESSOAIS:

- 1) Sexo: Masculino () Feminino ()
- 2) Faixa Etária: a) 16 – 20 ()
 b) 21– 30 ()
 c) 31 – 40 ()
 d) 41- 50 ()
 e) Mais de 50 ()

II – ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

3) você atua em:

- () Escola Pública - Nível: Fundamental
() Escola Pública – Nível Médio
() Escola Privada – Nível: Fundamental
() Escola Privada – Nível Médio
() Cursos Livres
() Outros . Especificar:

4) Professor Titular de Cargo (.....) ou Contratado (.....)?

III – FORMAÇÃO:

5) A Educação Básica Ocorreu...

- Ensino Fundamental () Pública () Privada
Ensino Médio () Pública () Privada

6) Qual a sua formação :

- Ensino Superior () Pública () Privada
Lato Sensu () Pública () Privada
Stricto Sensu () Pública () Privada

7) Caso tenha feito Cursos Livres de Língua Inglesa, até que nível você estudou?

- () Básico () Intermediário () Avançado

Em caso positivo , onde?

8) Você fez cursos de Língua Inglesa a Distância?

- () Sim () Não

Em caso positivo, onde e qual?

IV- QUESTÕES ABERTAS:

- 9) Você se dedica ao estudo de Inglês além das aulas que ministra? Explique :
10) Quais as maiores dificuldades que você encontra nas práticas da Língua Inglesa?
11) Como você se vê como professor (a) de Língua Inglesa ?
12) Quais as dificuldades que seu aluno encontra na aprendizagem da língua inglesa ?
13) Como você analisa sua prática pedagógica?
14) O que significa, para você, ser professor de Língua Inglesa hoje?

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES ÀS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO

Questão 09) Você se dedica ao estudo de Inglês além das aulas que ministra? Explique:

S-1 Não
S-2 Claro que sim, sou professora e o tempo não para. Preciso sempre estar “antenada”, e também porque adoro estudar.
S-3 Não, por falta de oportunidade.
S-4 Sim. Analiso as apostilas fornecidas pelo Estado, preparo exercícios para fixação da matéria.
S-5 Leio livros e revistas para aumentar o vocabulário ou pesquiso em dicionários.
S-6 Sim, preparo aulas “diferentes” com música e filmes e às vezes, preciso estudar o conteúdo.
S-7 Sempre. Procuo estar sempre por dentro de novas técnicas de ensino-aprendizagem. Acredito que cursos de aperfeiçoamento são essenciais para desenvolver a autocrítica do professor e a qualidade do seu trabalho.
S-8 Não.
S-9 Sim. Fiz aulas de conversação durante muitos anos, ainda leio bastante, etc.
S-10 Sim. Pesquiso na Internet.
S-11 Sim. Faço cursos de aperfeiçoamento nas escolas de idiomas na cidade de Santos.
S-12 No momento, não, mas desejo dar continuidade, na área para especializar-me. Na Rede Oficial de Ensino não há cursos de especialização na área continuados e os cursos são muito caros.
S-13 Sim, sempre fazendo atualização.
S-14 Sim, apesar de lecionar em três períodos.
S-15 Sim, claro. Eu estou sempre estudando para aumentar meus conhecimentos.
S-16 Não mais, pois não me sobra tempo.
S-17 Sim, gosto muito de inglês e adoro ler livros de gramática inglesa, ler textos e pesquisar palavras no dicionário para melhorar o meu vocabulário, quando leio frases em inglês procuro imediatamente saber o significado; mas infelizmente o meu tempo é limitado; porém em sala de aula pego os meus livros e começo a ler textos e contos como: A Bela e a Fera, O hamster e a cobra entre outros.
S-18 Sim. Curso o nível intermediário em Escola de Idioma.
S-19 Não. Espero me aposentar em breve e logo estarei me dedicando à Língua. Por enquanto não me sobra tempo porque atualmente dedico-me à empresa que estamos tentando encerrá-la.
S-20 Sim, pois o que aprendi e aprendo nunca dependeu de curso nenhum, fiz tudo sozinho em casa.
S- 21 Não.

Questão 10) Quais as maiores dificuldades que você encontra nas práticas da Língua Inglesa?

S- 01 Nível do alunado. Falta de recursos.
S- 02 As maiores dificuldades não são em relação às práticas, e sim como vencer as barreiras dos variados problemas sociais inseridos na sala de aula.
S- 03 Falta de conversar com pessoas.
S-04 Por falta de conversação acabo perdendo a prática na pronúncia e na gramática.
S-05 1) Há entre os alunos, alguns que não querem aprender,2) Falta de educação (cada vez pior),3) No final do ano jogam toda a matéria dada fora,4) Falta do hábito de estudar.
S- 06 1) Material didático (computador, internet, etc),2) Tempo para preparar minhas aulas devido ao tempo dedicado ao trabalho na escola (tenho muitas aulas)
S- 07 A falta de interesse de alguns alunos. Mas isso não ocorre apenas em inglês.
S-08 Conversação, pois não pratico.
S-09 Falta de interesse, falta de livro didático (por parte dos alunos).
S-10 Falta de material, falta e interesse dos alunos. Falta de cursos de capacitação dos professores de escola pública.
S- 11 Dos alunos que já fizeram curso avançado ou intercâmbio.
S-12 O alto grau de dificuldade dos alunos assimilarem outra língua, desinteresse em estudar (aplica-se as demais disciplinas), além da falta de maturidade em enxergar que a Língua

Inglesa é essencial hoje.
S- 13 Falta de estrutura das escolas públicas.
S- 14 Interesse dos alunos.
S- 15 Minha maior dificuldade é soletrar algumas palavras e pronúncia.
S- 16 Falta de maturidade e conhecimento prévio dos alunos. Apoio da escola e material extra para ilustrar e fixar temas propostos pela escola.
S-17 A maior dificuldade que encontro é convencer os alunos a ler, porque eles começam a rir ou se acham incapazes de realizar a leitura em inglês; então paro e faço eles lerem pausadamente, até conseguirem ler com mais rapidez e facilidade.
S- 18 Falta de materiais adequados, ausência de cursos de formação continuada na rede em que atuo.
S-19 Nas expressões idiomáticas.
S- 20 O desinteresse dos alunos pela disciplina devido à falta de confiança no professor, haja vista que muitos professores de inglês desconhecem a língua.
S- 21 Falta de material de apoio, vídeo, cd player.

Questão 11) Como você se vê como professor(a) de Língua Inglesa?

S- 01 Bom.
S-02 Vejo-me como alguém responsável na transmissão de muitas mensagens, e através da língua inglesa tentar mostrar o mundo.
S-03 Falta interesse e recurso para ambas as partes.
S-04 Sou o melhor possível e procuro me reciclar para o meu melhoramento e do meu aluno.
S-05 Realizada.
S-06 Eu me vejo como uma professora apaixonada pela profissão.
S-07 Uma profissional responsável, com ótimo relacionamento com os alunos.
S-08 O salário é muito baixo por isso sinto-me desestimulado.
S-09 Eu procuro fazer um trabalho razoável mesmo com todas as dificuldades.
S-10 Tento estimulá-los passando a minha experiência e gosto pela língua e preocupo-me com meu desenvolvimento profissional.
S-11 Tentando que o aluno tome gosto da língua inglesa, através de músicas, jornais, internet.
S-12 Esforço-me o bastante para desenvolver um bom trabalho pedagógico, mas nem sempre obtendo resultados satisfatórios.
S-13 Um profissional que deve ser respeitado e descoberto na escola pública.
S-14 Uma grande colaboradora no processo de ensino aprendizagem.
S-15 Eu me vejo como uma professora dedicada e devota, sempre tentando ensinar na melhor maneira para meus alunos.
S-16 Ótima professora, tradutora, de mãos atadas sem chance de se soltar...
S-17 Me sinto muito feliz, realizada, pois realizei o meu sonho; eu tive boas professoras de inglês e elas serviram de exemplo para mim; com elas aprendi muito e hoje tento passar isso para os meus alunos conscientizando-os de que eles são capazes, sim.
S-18 Como alguém que se dedica e procura fazer sempre o melhor.
S-19 A minha escolha, sempre que possível, é na disciplina de Português. Quando a escolha é na disciplina da Língua Inglesa vejo-me ensinando algo só para cumprir a grade curricular.
S-20 Me vejo como apto para lecionar, pois conheço o idioma.
S-21 Com muita dificuldade para ensinar.

Questão 12) Quais as dificuldades que seu aluno encontra na aprendizagem da língua inglesa?

S-01 Dificuldade oral. Leitura
S-02 Para mim a aprendizagem pode fluir muito mais, desde que não haja os problemas sociais, que com certeza, atrapalham, e muito, na aprendizagem. O aluno quando está bem, vence qualquer dificuldade.
S-03 Base com infra estrutura do idioma.
S-04 Por falta de prática e pouca aula eles acabam camuflando suas dúvidas.
S-05 Em geral, os alunos se deparam com a falta de educação de alguns colegas, acham graça e depois começam a imitá-los.
S-06 Meus alunos têm dificuldades na escrita e na pronúncia.
S-07 Muitos não acreditam em seu próprio potencial, acham que não são capazes ou não tiveram base, mas aos poucos vão ganhando confiança e percebendo suas habilidades.

S-08 Falta base da língua materna, por isso dificuldade para aprender a segunda língua.
S-09 A dificuldade maior é com a pronúncia das palavras, embora o foco do ensino médio seja a gramática e a leitura de textos. Muitas vezes o aluno chega ao ensino médio sem os pré-requisitos necessários para o acompanhamento da aula.
S-10 Falta de pré-requisitos, os alunos têm medo de produções orais. Não há material didático para os alunos do Ensino para jovens (EJA)
S-11 De alunos que sabem muito e de alunos que não sabem nada.
S-12 Além da dificuldade de assimilação, não há esforço individual dos alunos na sequência da aprendizagem com as competências e habilidades.
S-13 Falta de planejamento e sequência de aprendizagem ao longo das séries.
S- 14 Sequência didática a cada ano.
S-15 Às vezes eles não entendem alguns significados das palavras e usam da maneira errada.
S-16 Idem a questão 10.Falta de maturidade e conhecimento prévio dos alunos.
S-17 São: Leitura e tradução. Eles têm muitas dificuldades de compor a frase traduzida, dando-lhe o sentido correto e de utilizar a palavra correta no dicionário que seja apropriada ao texto.
S-18 Muitas... não têm noções básicas e sentem dificuldades em acompanhar o conteúdo todo em inglês.
S-19 A construção das frases na forma negativa e interrogativa dos tempos verbais. Esse fato deve-se a ter que se colocar adequadamente as palavras que auxiliam essas formas: Do-Does-Don't- non't etc.
S- 20 As dificuldades estão em entender algumas regras, pois eles não as entendem em português mesmo. Isso ocorre devido a anos de atraso ou professores como citados na resposta 10.
S-21 Entender o que está escrito nos cadernos, pois tem que traduzir tudo.

Questão 13) Como você analisa sua prática pedagógica?

S-01 Boa.
S-02 Minha prática procura atender a atenção voltada para a leitura e a escrita, <i>utilizando recursos disponíveis da Escola</i> . E claro, retorno a nr. 11.
S-03 Fica a desejar.
S-04 Boa, pois procuro fazer o melhor para o aluno aprender. Utilizo de aulas lúdicas, procuro ter o acompanhamento do responsável.
S-05 Variada.
S-06 Acredito ser uma docente inovadora.
S-07 Há falhas. O ensino de língua deveria promover a prática oral, mas em classes numerosas não conseguimos. Procuro fazer o melhor possível dentro de cada realidade.
S-08 Boa, na medida do possível.
S-09 Eu uso o <i>material didático disponível na escola</i> (que é mandado pelo governo estadual) e não acho suficiente, pois deixa a desejar na parte de gramática, que complemento com exercícios extras e material xerocado.
S-10 Preparo minhas aulas e faço algumas mudanças dependendo das turmas. Procuro desenvolver atividades que aumentem a produção oral dos alunos.
S- 11 Tento fazer as aulas dinâmicas, com temas atuais.
S-12 Gostaria de trabalhar de uma forma mais dinâmica para conseguir a totalidade da participação dos alunos, embora as aulas sejam variadas.
S-13 Excelente.
S- 14 Analiso como interessante e diversificada.
S- 15 Sou bem paciente com meus alunos e estou sempre tentando mantê-los no mesmo nível de aprendizagem então a classe pode trabalhar junta. Esta é a razão que considero boa minha prática pedagógica.
S-16 Limitada: Engessada.
S-17 A minha prática pedagógica é boa; é construtivista; eu oriento o aluno e monitoro sua aprendizagem levando-o a descobrir a solução dos fatos (tradução, exercícios, produção e interpretação de texto); quando eles conseguem efetuar a atividade ficam felizes e dessa forma provo para eles que o inglês não é tão difícil quanto eles pensam; é necessário dedicação, pesquisa e persistência; afinal a língua inglesa é muito gostosa.
S- 18 Procuro ensinar com dedicação, seguindo a proposta curricular, estimulando a

participação do aluno e a reflexão.
S-19 Com sinceridade: poderia ser melhor. Como a prática pedagógica atrela-se ao que é oferecido pelo professor ou escola, essa prática sempre fica a desejar.
S- 20 Minha prática pedagógica nunca fora questionada por ninguém. Eu uso, além da apostila (às vezes) um livro que eu mesmo comprei quando ainda estava no fundamental. Também uso músicas e outros recursos
S- 21 Tenho que melhorar a pronuncia.

Questão 14) O que significa, para você, ser professor de língua inglesa hoje?

S-01 A disciplina de inglês é apenas um instrumento; sou educadora, prioridade não é inglês e sim educação. Meu papel é orientar, esclarecer, acompanhar o desenvolvimento do jovem.
S-02 Na Escola Pública, ainda, tarefa difícil, pois retornando a nº 10; “alguém precisa”, junto a nós, devolvermos o respeito, a educação, o compromisso e a vontade pela qual os jovens estão perdendo, mais e mais, a cada dia. Estão deixando todos os problemas sociais na sala de aula para o professor resolver. Então, eu pergunto: E a Prática da Língua Inglesa?
S-03 Muito difícil o desempenho e o caminho a percorrer.
S-04 Uma possibilidade para ter um outro “mundo”, abertura para oportunidades.
S-05 O mercado de trabalho ajuda a aumentar o interesse dos alunos, mas nem todos são conscientes.
S-06 Ser professor de inglês hoje, significa inovar, preparar aulas que chamem a atenção do aluno e desperte o interesse do aluno.
S- 07 Acho muito importante. Hoje o inglês faz parte do dia-a-dia de meus alunos. Eles gostam do inglês, tem curiosidade e vontade de aprender a língua.
S- 08 É de muita importância, pena que trabalho em escola pública e não estamos sendo valorizados como deveríamos ser.
S-09 Eu gosto muito de dar aulas de inglês. Eu acho que no ensino médio há uma maior conscientização da necessidade de se aprender uma língua estrangeira hoje em dia; coisa que no ensino fundamental é muito vaga ainda.
S- 10 Um desafio.
S- 11 Muito gratificante.
S- 12 Como todo professor, a profissão é sofrível. Embora não consiga mais por esbarrar em muitos obstáculos próprios do sistema educacional brasileiro, sem falar da baixa remuneração salarial, tanto na rede pública como na rede privada, continuo trabalhando como professora esperando e contribuindo para um futuro melhor às próximas gerações.
S- 13 Significa contribuir para a formação dos discentes e também docentes no mundo globalizado.
S-14 Um profissional de grande relevância na sociedade globalizada.
S- 15 (Não Respondeu esta Questão)
S- 16 Frustrante!!!
S-17 Hoje, nós nos deparamos com a falta de interesse dos alunos; isso infelizmente é muito comum hoje em dia; os alunos não precisam aprender para passar de ano; basta ter frequência; então é complicado; mas temos que convencê-los que estudar inglês é necessário para sua formação e ampliação de seu universo, dessa forma, muitos acabam revertendo essa situação e tentam aprender inglês
S-18 Significa vencer desafios que variam desde institucionais à interpessoais.
S-19 Significa muito mais que ensinar gramática ou conversação. É conscientizar seu aluno da necessidade da língua falada em todo o mundo.
S-20 É uma tarefa difícil. O Estado nos manda um conteúdo a ser seguido (que na minha opinião é ridículo) e os alunos não têm interesse em aprender uma segunda língua. Minha opinião sobre o Estado, na verdade, é sobre as apostilas. Acho que elas forçam a barra, pois é inteira em inglês, como se presumissem que os alunos já tivessem pelo menos, o intermediário, para entendê-las. Eu as uso pouquíssimas vezes, pois se gastam muitas aulas apenas para traduzi-las.
S- 21 Ter visão de mundo.

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,....., declaro estar devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da Pesquisa: “Práticas Pedagógicas do Professor de Língua Inglesa nas Escolas Públicas na Baixada Santista”, que está sendo realizada por SALETE DUBRA PAES, mestranda do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Irene Jeanete Lemos Gilberto. Serei entrevistado(a) pela pesquisadora e concedo as informações prestadas para o uso que se fizer necessário.

Santos, de de 2011

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM PROFESSORES**ENTREVISTA REALIZADA DIA 18 DE NOVEMBRO DE 2011.**

Entrevista com Professor eventual (SUJEITO 20), 20 anos de idade - ESCOLA EM SÃO VICENTE

1) Você tem conhecimento do artigo 35 da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que trata da preparação do aluno para o mundo do trabalho?

R- Não

2) Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 diz respeito a finalidade da preparação do aluno para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competência para continuar seu aprendizado (art. 35) Você costuma trabalhar essa questão em sala de aula? Como trabalha?

R- Eu relaciono as vezes o que eles poderiam fazer lá fora da escola com a língua inglesa por exemplo dando idéias de como eles podem fazer, como podem trabalhar e tal ...

3) Essa prática você falando com os alunos têm dado bons resultados você costuma fazer uma reflexão sobre suas aulas?

R- Bom, eles continuam, a maioria, resistentes a outro idioma, a língua inglesa, eles não gostam muito, mas alguns se habilitam a fazer outros cursos fora da escola e querem trabalhar tipo já pensam em emprego que precisam de outro idioma para serem admitidos. Alguns já faziam cursos antes de eu lecionar para eles

4) Quais os recursos que você utiliza em suas práticas? Como você resolve as dificuldades de seus alunos?

R- Música, por exemplo é o que eu mais gosto de usar, pego uma música, pego a letra, a gente fica ouvindo pra aprender a pronunciar e depois a gente traduz juntos, tem também eu peço pesquisa pra eles tem alguma coisa do tipo ...

5) Que tipo de pesquisa?

R- Primeiro quando comecei pedi uma pesquisa sobre a origem da língua e os países que a falam pra deixá-los mais assim, a par da situação, depois pedi para eles fazerem algumas pesquisas de coisas de inglês que não existem regras, simplesmente tem que decorar tipo alguns verbos preposicionados, alguns verbos irregulares no passado e fico comentando, falando e fui relacionando a língua inglesa com a portuguesa. Por exemplo, dizendo a eles que eles já falam em si a segunda língua mais difícil do mundo que é a nossa língua portuguesa e o inglês é uma das mais fáceis relacionando para eles terem mais interesse ... tem funcionado.

6) No caderno do professor – Ensino Médio- constam nomes de sites, músicas e filmes. De que maneira são usadas? Os alunos pesquisam sobre o tema da aula antes da aula? Há alguma motivação a este respeito?

R- Bom eu já usei música né, já usei pesquisa também, só que não com os links e sites que estão na apostila de inglês, eu uso os meus próprios, que eu pego até da faculdade mesmo.

7) Por quê?

R- Bom, eu acho que não tem muito haver assim com a realidade deles, essas apostilas são meio, muito, eu acho utópicas, primeiro elas estão totalmente em inglês, supondo que os alunos teriam que saber para traduzir tudo aquilo e depois tem alguns links e coisas que não são eles não estão acostumados a fazer aqui, nós não somos acostumados a fazer aqui, então eu pego coisas que estão mais próximas deles, (pausa) da realidade.

8) Na pesquisa efetuada com professores acusou desinteresse dos alunos, como é trabalhado este problema?

R- Bom, é estimulado com coisas que eles já vêm cotidianamente, tipo eu falei para eles que a gente tem inglês no nosso cotidiano, o tempo todo sem perceber, no centro da cidade, nas placas das avenidas daqui tem o segundo idioma, nos filmes e músicas que eles escutam sempre de fora, eles gostam mais do cinema e das músicas estrangeiras do que dos nacionais e assim vai.

9) Suas aulas são preparadas seguindo a apostila do governo?

R- Não. As minhas aulas são preparadas seguindo um livro que eu mesmo comprei quando ainda tava no Ensino Médio, a apostila do governo eu conheço porque já estudei com ela no terceiro ano e conheço aquelas propostas que tem tudo lá, mas ai eu uso meu livro e de vez em quando eu uso a apostila algumas vezes.

10) Por que essa mudança seguindo um livro?

R- Porque eu não gosto é fora da realidade ela mostra umas coisas e pede umas coisas que a gente nem tem recursos pra utilizar.

11) Você acha que o material da apostila é reduzido?

R- Nem tanto, eu acho que é avançado demais, eu acho, primeiro que ela esta toda em inglês e depois ela pede tipo pra pesquisa ela pede coisas, instrumentos ou recursos que a gente não tem aqui na escola estadual publica não tem pra oferecer então fica meio que chato e cansativo.

12) Quais os recursos que você utiliza em suas práticas? Como você resolve as dificuldades de seus alunos nas aulas?

R- Eu utilizo livro, dicionários, música também pra fazer traduções, utilizo pesquisas fora da escola, eu peço para eles fazerem e quanto às dificuldades eu resolvo individualmente tipo quando eles demonstram dificuldades em alguma coisa eu vou e converso com aluno particularmente porque eles tem uma certa.. eles ficam inibidos em falar na frente de todos e ai eles pronto, não querem fazer nada porque eles acham que passarão vergonha.

13) Na escola há grupos de discussão sobre as práticas pedagógicas do professor de língua inglesa?

R - Eu e as outras professoras de inglês que damos aula de manhã a gente conversa entre nós sobre os conteúdos passados, para ficar um pouco mais próximos de cada um assim, cada um dá em série diferente mas pra ficar mais próximo a gente usa uma que meio coletiva.

14) Nas “Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias” volume 01, apresenta a Proposta das habilidades a serem desenvolvidas em línguas estrangeiras no Ensino Médio da seguinte forma: 1º, 2º e 3º ano – Leitura, Comunicação oral e Prática escrita. Todas são trabalhadas por igual? Inclusive a oral?

R- Sim, mas não do jeito que a apostila diz. E lá como diz é bem mais diferente, bem mais fantasioso e bem mais difícil fazer isso ia demorar bastante, mas sim.

15) E a prática oral é trabalhada?

R- Sim, eu peço para eles pronunciarem e falarem algumas coisas não frases muito longas nem conversas nem nada, mas alguns exemplos de algumas explicações eu peço para eles responderem oralmente do que fazer escrever toda hora.

16) Quais as competências necessárias ao professor de Língua inglesa hoje?

R- Acho que basicamente o professor tem que conhecer a língua porque tem alunos que são curiosos e perguntam coisas que se eles não souberem responder eles acham que você não sabe e já perdem o interesse pela matéria porque o professor não sabe explicar. Então basicamente acho que ele deve conhecer a língua

17) Nos cadernos do professor- Ensino Médio constam nomes de sites, músicas e filmes. Você segue as sugestões? Você tem conhecimento se os seus alunos buscam se aprofundar com base nessas informações?

R- Eles não gostam de nenhuma das apostilas, nem de inglês nem de outras disciplinas. Eles não pesquisam os sites que estão lá.

18) De que maneira você usa as ferramentas tecnológicas? Os alunos pesquisam sobre o tema antes da aula? Há alguma motivação a este respeito?

R- Eu uso um tema na sala de aula como aula, e se tiver alguma coisa que foge a exceção da aula que passei ai eu peço para que eles façam a pesquisa e me mostrem na próxima aula.

19) Vocês usam computador aqui na escola? Uma ferramenta tecnológica, como, filme, áudio?

R- Durante as aulas, computador não, filme eu já tentei uma vez só que os projetores já estavam ..os poucos que tem , o pouco, acho que tem um ou dois, não sei, já estavam usados então não deu mas então dou basicamente músicas , livros, pesquisas , eles pesquisam nos computadores deles, na casa deles, aqui na escola até tem uma sala de informática só que tem pouco computadores não dá uma sala inteira ir pra lá, então eu não os levo lá.

20) Comente sobre o ensino da língua inglesa nos dias de hoje.

R- Bom, pra ensinar inglês tem que ser.. tem que saber porque é difícil os alunos já não gostam você tem que saber levar e trazê-los pra você tem relacionar o inglês com o cotidiano deles e com a língua portuguesa que eles já falam e já não gostam muito dela mesmo e tem que saber usar coisas, criar e pegar coisa suas porque o Estado (não é a escola) não oferece muitos recursos tem essa apostila mas essa apostila eu acho ridícula.

21) Você teria outros comentários?

R- Sobre inglês outros comentários? (pausa) Acho que pra ensinar deveria se ter muito mais recursos, inglês é idioma então a gente tem que ter coisas pra filme, coisas pra mais coisas tem que ter aulas fora, aulas extras, fora da sala de aula, mas é bem difícil a gente fazer isso no Estado, a gente fica meio restrito

22) Por quê? Falta material?

R- Falta material, falta muita coisa, falta recursos, falta muita coisa, a gente tem que saber, a gente tem que dançar conforme a música, porque a escola, o estado é muito precário

23) A classe, o número de alunos, isso dificulta?

R- Dificulta, porque uma sala muito grande, muito numerosa fica difícil ter um controle sobre ela, tanto que em dias que vem menos alunos a aula flui muito melhor do que quando esta todo mundo, são em média 40 alunos, tem sala que tem 45, até mais de 45, mas me média são 45 fica difícil dar aula para todos eles porque ai os que não gostam não deixam os que gostam aprender, ai fica difícil o controle de uma sala muito numerosa. Isso é o problema que eu tenho.

24) Você discute com seus alunos a questão do conhecimento da língua inglesa para o mundo do trabalho? E com os seus colegas na escola?

R- Com os meus alunos eu digo que um emprego bem simples exige no mínimo uma segunda língua, e que a segunda língua tem que ser o inglês, ela é mais importante , economicamente mais importante do mundo então eu digo a eles isso e alguns até aderem mas os outros ficam bem resistentes quanto aos colegas a gente tem aqui de manhã a gente discute o que vai passar assim a gente conversa pra saber se os conteúdos estão próximos, caso eventualmente um pegar uma sala e saber o que passar para eles.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 18 DE NOVEMBRO DE 2011.**ESCOLA EM SÃO VICENTE**

Entrevista realizada com Professora eventual (Sujeito 21), 50 anos de idade.

1) Você tem conhecimento do artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que trata da preparação do aluno para o mundo do trabalho?

R- Tenho conhecimento da proposta curricular, na proposta que hoje o Ensino Médio é para preparação para o trabalho, para o mundo, na proposta fala isso.

2) Você costuma trabalhar essa questão em sala de aula? Como trabalha?

R- Eu falo, por exemplo, eu falo assim independente eu ser a professora de inglês que esta substituindo, eu falo para eles fazerem curso técnico, para eles terem um trabalho além do ensino médio, fazer tipo SENAI estas escola que tem agora ETEC alem do Ensino Médio e antes de uma faculdade eles tem que ter uma profissão, é seguir em frente é conhecimento de mundo.

3) Você discute com seus alunos a questão do conhecimento da língua inglesa para o mundo do trabalho?

R- Eu falo, as vezes, mas hoje em dia é difícil, porque os alunos, eles sinceramente, não estão nem ai , eles querem assim fazer a apostila e um faz e os outros copiam, alguns não escutam o que a gente fala, outros nem aí, alguns os interessados eles fazem curso de inglês, eu falo que é muito importante para trabalhar em navio é muito importante curso de inglês.

4) E com seus colegas na escola, outros professores, vocês discutem essa questão do inglês no mundo do trabalho?

R- Comenta, a gente comenta, a gente senta e fica falando das dificuldades pra passar isso para os alunos, e é o que a apostila visa, o inglês para o mundo do trabalho, visão do mundo é tão difícil fazer isso com eles, os do terceiro ano que estão saindo...nossa os alunos hoje em dia não querem saber de nada, nada, nada, nada. A gente prepara uma aula, a gente chega e vai dar esta aula você fica decepcionada, desanima logo... como vou dizer.. eles pegam um texto pra ler, eu me sinto como esse pessoal que vai pegar um panfleto todo mundo passa pra pegar..as vezes eu falo, gente pelo amor de Deus ,eu não acredito, falta consideração comigo, eles não tão nem ai.

5) Suas aulas são preparadas seguindo a apostila do governo?

R- Eu vejo o assunto cai muita parte de gramática, e ai eu vejo o assunto a parte que tem na apostila, porque as vezes eles não lembram mais o que é um verbo, um artigo, um pronome, ai eu passo eu traduzo em casa ,explico, o que eles tem que fazer e ai eles conseguem fazer, pela apostila.

6) Quais os recursos que você utiliza em suas práticas?

R- Eu gosto muito de música, quando eu entrei disse: vamos ouvir música, mas sempre o som era um som baixo, não conseguia ouvir nada, filme também, eu queria passar filmes, tudo em inglês, ouvir umas três ou quatro vezes, para eles pegarem a pronuncia. Tem que

agendar, a sala estava com problema, então o único recurso é o dicionário, só o dicionário, apostila e os livros didáticos. Bem que eu gostaria de usar música, mas estava quebrado o som. Filme também tem que agendar, preparar, nunca a sala ta pronta, a dificuldade é essa, mas música e filme é uma maravilha já ajudava.

7) Como você resolve as dificuldades dos seus alunos nas aulas?

R- As dificuldades deles eu explico para eles quando eles não entendem ai eu vou e explico, assim, assim... professora eu não to entendendo esta questão, como é ? e eu vou e explico pra eles, na base da explicação.

8) Nos cadernos do professor Ensino Médio constam nomes de sites, músicas e filmes. Você segue as sugestões? Você tem conhecimento se os seus alunos buscam se aprofundar com base nessas informações?

R- Não, eles nem tão... eles não falam. Tem música, tem site, cada apostila vem aquele filme, vontade eu tenho de passar, mas cadê? Os recursos não tem, não tem, e no meu caso eu não tenho computador ainda, ai fica difícil eu procurar esses sites, e ai vai para aqui, para sala de informática, eu fico pesquisando e tal, ai tem que dar uma aula, tem que sair... mas bem que eu gostaria ter as músicas, eu fico só sonhando e olhando ali sempre eu vejo, não faço nada disso. Os alunos não falam nada, ah professora eu esqueci, ah professora é pra quando? , ah professora não vou fazer isso não. Tudo assim.

9) De que maneira você usa as ferramentas tecnológicas? Os alunos pesquisam sobre o tema antes da aula? Há alguma motivação a este respeito?

R- Não. Eles pedem muito para vir para sala do computador. Primeiro, professora vamos para o computador, eu digo vamos, vamos para o computador traduzir. Eu já levei uma turma, eles levaram a apostila, traduziram no Google tradutor, eles fizeram tudo, amaram. Só que tem só sete computadores, três ou quatro funcionando, a turma tem trinta e poucos, quarenta e cinco, e ai veja só a dificuldade, fica a metade na sala de aula, a metade na sala de computação, eu fico na sala um pouco, gente não saia, aluno não pode ficar nos corredores e fico aqui na sala de computação orientando, fica difícil, porque a escola não tem computador suficiente pra abranger a quantidade de aluno, e eles pedem mas como eles pedem, professora quando.. e ai tem a questão de agendar também, então se eu quiser levar um aluno, segunda-feira para a sala do computador, eu tenho que agendar uma semana antes porque já tem pessoas que vão ficar , ai é difícil, vontade eu tenho e eles me cobram, pedem, eu tenho pena, professora leva para computador... filho, não pode, cansei de levar para coordenação, a não ser "L", ah tem que agendar. É muito bom, eles traduziram, fizeram as respostas todas, explicando tudo, uma maravilha. Mas o colégio não oferece, não tem condição, chega, vamos voltar para sala e vamos para nosso dicionário. Se tivesse, som, computador e sala de vídeo, ai sim, ai seriam aulas eles se interessavam mais , eles gostavam mais.

10) Na sua escola há grupos de discussão sobre as práticas pedagógicas do professor de língua inglesa?

R- A gente comenta.. Estamos sempre discutindo essas mesmas dificuldades como dar aula, como fazer e discutir as vezes com as professoras que são efetivas então eu pergunto pelo amor de Deus me socorre! Então tem "M", ela é tradutor interprete, ai "M" é boa, e "M" não tô entendendo isso aqui. Tem o caderno do professor, eu digo pelo amor de Deus me da uma dica aqui, ela me da aquela dica e ai já clareava um pouco. Então a gente comenta sempre, estamos falando das dificuldades que nós sentimos, principalmente nós que somos professores eventuais que estamos substituindo, que é uma responsabilidade grande.

- 11) **Nas “Orientações Curriculares para o Ensino Médio- Linguagens, códigos e suas tecnologias”- volume 01, apresenta a Proposta das habilidades a serem desenvolvidas em línguas estrangeiras no Ensino Médio da seguinte forma: 1º, 2º e 3º ano – Leitura, Comunicação oral e Prática escrita. Todas são trabalhadas por igual? Inclusive a oral?**

R- São, a oral é pouco, bem no meu caso é pouca a oral.

- 12) **Comente sobre o ensino da língua inglesa nos dias de hoje.**

R- Mudou, por exemplo, bom vou falar assim, (pausa) eu sou de Pernambuco, quando eu cheguei aqui, lá a gente trabalha com livro didático, e também era difícil a gente tinha que comprar, as vezes não vinha aquele tempo que eu estudava ai quando eu cheguei aqui eu quase não substituía aula de inglês, era português, depois quando surgiu esses caderninhos ai eu fiquei uma época ensinando, no lugar de uma professora do sexto ano, eu gostei de ensinar nos sextos anos , era fácil as apostilas eram coisas que eu tinha mais facilidade, que eu tenho ensinado anteriormente.. é boa a apostila, que nem eu digo, o professor tem que saber inglês, a gramática eles misturam, colocam assunto na oitava série que pela proposta curricular, pela grade que seria do primeiro ano, e falam muito assim de trabalho, de conhecimento de outros países uma apostila , não estou lembrando do número, mas falava..

(pausa) Eu acho o ensino de língua inglesa muito importante. Meus alunos estão já estão fazendo curso de inglês, eu falo, ótimo façam mesmo, tenho uns cinco alunos que estão num curso de inglês. Os que são interessados, pois é assim numa sala de trinta, três... ficam olhando assim.. então eu explico. Tem aquele grupinho aqueles que são interessados, o resto nem ai. Não sei o que passam com os alunos hoje em dia, eles não querem nada,nada, nada .

- 13) **Outros comentários. O que você gostaria de falar das aulas de inglês, das práticas pedagógicas de inglês...**

R- As dificuldades dos professores eventuais não participarem de OT. HDPC eu quase não faço porque eu falo eu sou eventual, eu não vou fazer no meio de outros professores efetivos, eu acho assim se houvesse.. como é que eu vou falar...(pausa) não é curso... (pausa)

Seminário?

R- Seminário, Orientações, se tivesse orientações na escola sobre a língua inglesa era ótimo, se houvesse seminário sobre língua inglesa seria ótimo.

O Estado só dá cursos para os efetivos?

R- Só para os efetivos. Essas OT é ... Essas OT, eles vão para a Diretoria de Ensino, passam um dia ou dois, lá eles dão sugestões como dão as aulas de inglês. Como inovar, mas só para os professores efetivos. Ai o eventual não tem acesso. Ai entra no site ..eu entrei.. ai vem depois vem um rapaz aqui ele que dá essas OT, ele falou um bocado de coisas interessantíssimo o que ele fez. Só que 1º: Tempo pra fazer, material para fazer e geralmente tem que esta usando a internet. Eu praticamente não tenho acesso a Internet.

ENTREVISTA REALIZADA DIA 25 DE NOVEMBRO DE 2011

**Entrevista realizada com Professora titular (Sujeito 14)
Escola na cidade de Santos**

01) Você tem conhecimento do artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que trata da preparação do aluno para o mundo do trabalho?

R- Tenho.

02) Você costuma trabalhar essa questão em sala de aula? Como trabalha?

R- Costumo trabalhar no Ensino Médio, eu acho que no Fundamental é muito cedo. No Ensino Médio até o caderno do aluno que veio agora para o Ensino Médio trata bastante sobre isso, sobre currículo, sobre como eles tem que apresentar na hora de uma entrevista para o trabalho, eu trabalho mais em cima do caderno do aluno.

03) Você discute com seus alunos a questão do conhecimento da língua inglesa para o mundo do trabalho? E com seus colegas na escola?

R- Discuto sim, com os alunos eu discuto dizendo que é muito importante quem tem a segunda língua consegue melhores empregos dos quem só tem a Língua Materna. Com meus colegas também de vez em quando a gente também comenta bastante.

04) Quais as competências necessárias ao professor de língua inglesa hoje?

R- Curso de Capacitação é muito necessária porque hoje a tecnologia esta muito avançada, então nós precisamos de bastante cursos de capacitação. E mais material para trabalhar com o aluno em sala de aula... Essas coisas assim.

05) Vocês tem Curso de Capacitação aqui no Estado?

R- De vez em quando, não é sempre não. Esse ano,acho que só teve um só, é só um, mas tem outros anos que tem mais. Já participei de alguns cursos.

06) Suas aulas são preparadas seguindo a apostila do governo?

R- São. Sempre procuro seguir a apostila do governo. O livro também, mas uso bastante a apostila.

07) O livro também é o Governo que envia ?

R- O livro também é o Governo que dá, só que o livro de inglês só veio este ano. Nos outros anos tinham livros das outras matérias, inglês foi este primeiro ano que veio. Eu achei que é muito bom porque com o livro é mais fácil eles aprenderem.

08) Quais os recursos que você utiliza em suas práticas? Como você resolve as dificuldades de seus alunos nas aulas?

R- Os recursos eu utilizo dicionário, utilizo CD, utilizo jornal e ...As práticas? Ah Dificuldade? Muita dificuldade em conversação eles tem porque as salas são muito cheias, disciplina também são bastante indisciplinados não tem muitos funcionários na escola, falta inspetor, então é difícil, muito difícil, Escola do Estado para eles aprenderem inglês principalmente parte de conversação é bem difícil.

09) Nos cadernos do professor Ensino Médio constam nomes de sites, músicas e filmes. Você segue as sugestões? Você tem conhecimento se os seus alunos buscam se aprofundar com base nessas informações?

R- Eu sigo as sugestões, eu indico para eles e peço para que quando eles chegarem em casa procurem no computador, a maioria hoje tem computador em casa, mas eles não seguem muito não as orientações, não. Na Escola do Estado a família não se compromete muito com o ensino do aluno, do filho, sabe. Então isso que torna mais difícil pra gente.

10) De que maneira você usa as ferramentas tecnológicas? Os alunos pesquisam sobre o tema antes da aula? Há alguma motivação a este respeito? Há sala de informática, tipo laboratório na escola?

R- A sala de informática tem, só que os alunos não podem usar. Tem sala de informática, tem vários computadores, mas entra uma Direção e vem outra e os alunos nunca podem usar, só na casa deles quem tem computador pode usar porque na escola não pode.

11) Sabe por que?

R- A Direção disse que não tem gente, eles mandaram os computadores mas não tem gente pra fazer a manutenção, então por isso não mandaram pessoal pra fazer manutenção, nunca vem ninguém pra fazer a manutenção nos computadores, então ela não deixa que os alunos usem.

12) Na sua escola há grupos de discussão sobre as práticas pedagógicas do professor de língua inglesa?

R- Não, não há.

13) Nas “Orientações Curriculares para o Ensino Médio- Linguagens, códigos e suas tecnologias”- volume 01, apresenta a Proposta das habilidades a serem desenvolvidas em línguas estrangeiras no Ensino Médio da seguinte forma: 1º, 2º e 3º ano – Leitura, Comunicação oral e Prática escrita. Todas são trabalhadas por igual? Inclusive a oral?

R- Não, a leitura sim, mas a comunicação oral não e a prática escrita que é a mais trabalhada,a oral não porque as classes são cheias, quarenta alunos na sala e na maioria das vezes a metade quer ou menos da metade quer aprender a outra metade não quer, então a prática oral é muito difícil em sala de aula.

14) Comente sobre o ensino da língua inglesa nos dias de hoje.

R- Olha, eu posso comentar a Escola do Estado que eu estou trabalhando, a escola pública. E acho difícil sabe, porque a disciplina é difícil, a gente tem que trabalhar muito, dar muitas aulas, pra gente conseguir um salário mais ou menos que o salário é também baixo, então a gente não tem muito tempo pra preparar aula ainda mais quem tem casa, tem filho, marido, é complicado, não é fácil não. E chega em sala de aula também a

desmotivação deles, porque os pais não cobram, e aquela só meia dúzia quer aprender, outros não querem, então quando a gente esta ensinando a oral os outros dão risadas porque estão aprendendo a falar mas ainda não sabem falar direito e aqueles que não querem aprender atrapalham muito, então é complicado, viu.

15) Outros comentários.

R- Não, não tenho não.

ANEXO 6**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título : “Práticas Pedagógicas do Professor de Língua Inglesa nas Escolas Públicas na região da Baixada Santista”

Pesquisadora: Salete Dubra Paes

Você está sendo convidado (a) a colaborar com esta pesquisa. Ao participar deste estudo estará permitindo a utilização dos dados aqui fornecidos, sem qualquer prejuízo pessoal.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora terá acesso às suas informações.

Consentimento Livre e esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Santos, / / 2011